

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#38

JANEIRO/FEVEREIRO 2026

**AVALIE
NOSSO
PROJETO**



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



"PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL"

orelha





Pensamento Livre



Lei Paulo Gustavo

Juntos para a cultura resistir



Expediente:

Editor Chefe - Wilson Inacio

Jornalista responsável: Aldo Moraes

Marketing e Relações Públicas: Ronilson Rony

Projeto Gráfico e Diagramação: Wilson Inacio

Nossas Redes:

<https://www.instagram.com/dartelondrina/>

<https://www.facebook.com/>

APOIO:



A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressões artísticas, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a arte e a Cultura brasileira. Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes; podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições. Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista, que apenas cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!



REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA





”

A cadela do fascismo
está sempre no cio.

Bertolt Brecht

The image is a composite. It features a classical-style oil painting of an older man with white hair, wearing a blue, off-the-shoulder dress and red high-heeled shoes. He is sitting and pointing his right index finger directly at the viewer. The painting is set within a thick, ornate gold frame. Overlaid on the entire image is a network of sharp, black lines representing shattered glass. The text 'As paredes falam:' is written in a bold, black, sans-serif font in the upper right quadrant. At the bottom, the text 'Que obra estava pendurada na casa de Jeffrey Epstein?' is written in a bold, white, sans-serif font.

As paredes falam:

Que obra estava pendurada na casa de Jeffrey Epstein?



Parsing Bill: quando a pintura atravessa o poder e retorna pelo avesso

Na arte contemporânea, o lugar onde uma obra é exibida pode ser tão significativo quanto a própria imagem. No caso de *Parsing Bill* (2012), de Petrina Ryan-Kleid, esse deslocamento espacial — da parede acadêmica de uma escola de arte para o interior da residência de Jeffrey Epstein — adiciona uma camada crítica que a artista não poderia prever, mas que hoje redefine a leitura da obra.

O retrato de Bill Clinton usando um vestido azul e salto alto, pintado em linguagem clássica, foi concebido inicialmente como uma reflexão sobre a construção midiática do poder político. No entanto, ao ser posteriormente identificado em uma das propriedades de Epstein, a pintura passou

a operar também como um documento involuntário das relações opacas entre poder, dinheiro, política e o sistema da arte.

A parede como dispositivo simbólico

Em arte contemporânea, a parede nunca é neutra. Museus, galerias, coleções privadas e residências constroem narrativas silenciosas sobre valor, pertencimento e autoridade. A presença de *Parsing Bill* na casa de Epstein — um personagem central em redes de poder financeiro, político e criminal — transforma a pintura em algo além de sátira política: ela se converte em imagem-curadoria, escolhida para habitar um espaço específico de poder.

Não se trata apenas de “quem comprou a obra”, mas por que aquela imagem fazia sentido naquele ambiente. Um ex-presidente representado de forma ambígua, atravessado

por um escândalo sexual histórico, exposto na parede de alguém cuja trajetória viria a ser associada a crimes sexuais e abusos sistemáticos.

A pintura, nesse contexto, deixa de ser alegoria e passa a operar como espelho simbólico.

Quando a obra escapa do controle do artista

Ryan-Kleid afirmou não saber quem havia adquirido o trabalho. Esse dado é central para a leitura contemporânea: a obra, uma vez inserida no circuito, ganha autonomia política. Ela passa a produzir sentidos que não pertencem mais à artista, mas ao mundo.

Essa condição é característica da arte contemporânea. Diferente da arte moderna, onde intenção e autoria ainda ocupavam lugar central, aqui o sentido se constrói no atrito entre imagem, circulação e contexto. A parede de Epstein não revela a intenção da artista — revela o funcionamento do sistema.

O retrato como arquivo do poder

Historicamente, retratos presidenciais operam como arquivos visuais da autoridade. Em Parsing Bill, esse arquivo é corrompido. Clinton aparece sentado, relaxado, quase vulnerável, mas ainda dentro de uma composição clássica. O vestido azul — carregado de memória pública — age como uma fissura nesse arquivo.

Quando essa imagem é pendurada na casa de Epstein, o retrato deixa de falar apenas de Clinton. Ele passa a falar de um ecossistema de poder masculino, onde política, sexualidade, privilégio e silenciamento se entrelaçam.

Nesse sentido, a obra se aproxima de práticas artísticas que lidam com o não-dito institucional, com aquilo que circula

nos bastidores do poder, mas raramente se materializa em imagem.

A obra como sintoma, não como prova

É importante frisar: a pintura não é evidência de crimes, nem documento jurídico. Ela é um sintoma cultural. Sua força está justamente em não afirmar nada de forma direta, mas em condensar tensões históricas.

O fato de Epstein ter escolhido essa imagem — e não um retrato oficial, não uma paisagem neutra, não uma abstração — aponta para um gosto que dialoga com ironia, controle e provocação. A pintura funciona quase como um objeto de poder simbólico, capaz de produzir desconforto silencioso.

Quando a realidade ultrapassa a ficção

Se inicialmente Parsing Bill operava no campo da sátira, sua trajetória posterior demonstra algo fundamental na arte contemporânea: a realidade frequentemente ultrapassa a ficção. O que começou como um exercício crítico sobre mídia e poder se tornou, com o tempo, uma imagem profundamente inquietante — não pelo que mostra, mas por onde esteve.

Hoje, a pintura ocupa um lugar instável entre obra, documento e fantasma. Ela não acusa, não absolve, não explica. Ela permanece, como permanecem as imagens que revelam mais pelo silêncio do que pelo discurso explícito.

Parsing Bill interessa como um caso emblemático de como a arte contemporânea não apenas representa o mundo, mas acaba sendo atravessada por ele, incorporando suas contradições, seus excessos e seus abismos.

Arte ao ar livre:

MON leva exposição inédita para o Parque Estadual de Vila Velha



Parque Estadual de Vila Velha receberá obras de arte ao ar livre, numa realização do Museu Oscar Niemeyer
Foto: Divulgação/ Denise Milan

O “MON sem Paredes – Vila Velha” tem curadoria de Marc Pottier e conceito de Fernando Canalli. Os artistas participantes são: Gustavo Utrabo, Tom Lisboa, Kulykirida Menihaku, Sonia Dias, Denise Milan e Alexandre Vogler. A inauguração será em 25 de fevereiro, às 15h.

O “MON sem Paredes – Arte ao Ar Livre”, projeto que rompeu os limites físicos do Museu Oscar Niemeyer ao levar obras aos jardins, vai agora ainda mais longe e chegará ao Parque Estadual de Vila Velha, em Ponta Grossa, que receberá obras de arte inéditas. A inauguração será em 25 de fevereiro, às 15h. A Unidade de Conservação é tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Paraná.

A iniciativa do “MON sem Paredes – Vila Velha” é do Governo do Paraná, por meio do Instituto Água e Terra, vinculado à Secretaria do Desenvolvimento Sustentável, e do Museu, além da Soul Parques, empresa que administra o Parque.

O “MON sem Paredes – Vila Velha” tem curadoria de Marc Pottier e conceito de Fernando Canalli. Os artistas participantes são: Gustavo Utrabo, Tom Lisboa, Kulykirida Menihaku, Sonia Dias, Denise Milan e Alexandre Vogler.

“Levar obras de arte para o Parque Estadual de Vila Velha por meio do MON sem Paredes é ampliar o acesso à cultura e integrar arte, patrimônio natural e território. Essa iniciativa é exemplo do compromisso do Governo do Paraná em descentralizar as políticas culturais e garantir que a arte esteja presente em diferentes espaços do Estado”, afirma Luciana Casagrande Pereira, secretária de Estado da Cultura.

Com 200 vagas, Academia Alfredo Andersen divulga período de inscrição para 2026 “Com esta realização, o MON inaugura um novo capítulo de sua história, utilizando toda a sua expertise para alcançar públicos e espaços ainda mais novos, disseminando arte”, diz a diretora-presidente do MON, Juliana Vosnika.

Inaugurado em 2024, o projeto “MON sem Paredes – Arte ao Ar Livre” abraçou a população. A iniciativa se transformou em um convite permanente com obras de arte interativas na área externa, fazendo com que o público se inspire e sinta-se instigado a entrar no MON.

“O projeto, agora em uma nova fase, em consonância com o objetivo do governo estadual de disseminar arte e cultura a todo o Paraná, leva

até o Parque Vila Velha uma inédita intervenção artística em parceria com o Museu”, informa Juliana.

“Quando levamos obras de arte até onde está a população, além de sensibilizarmos o grande público, que talvez não tenha o hábito de entrar num museu, oferecemos um ambiente de pausa, de desaceleração, de reconexão interior”, diz. “Entendemos que cada vez mais a arte ajuda na saúde”.

Juliana comenta que profissionais de saúde têm prescrito visitas a museus e que pesquisas em psicologia, arteterapia e estudos culturais mostram que visitar museus reduz estresse, estimula emoções positivas e promove bem-estar. “Além de fortalecer a identidade e o sentido de pertencimento, a arte permite conexões com cultura, memória e narrativas coletivas, elementos fundamentais para o bem-estar psicológico”, cita.

Novo piano marca aporte histórico no Teatro Guaíra e inaugura temporada da OSP SINGULARIDADE – O Parque Estadual de Vila Velha é um paraíso ecológico e uma das mais importantes unidades de conservação ambiental do Brasil. Além de uma rica história, repleta de curiosidades, conta com uma composição natural única no mundo, com as trilhas dos arenitos, formações rochosas milenares.

O curador, Marc Pottier, explica que o local também tem muitas lendas. “Antigamente era chamada de Itacueretaba, ou ‘cidade extinta de pedras’, segundo os apiabas que ali moravam”, diz. Ele também destaca que algumas rochas têm formas singulares, como taça, esfinge, bota, tartaruga, cabeça de índio, garrafa, camelo e proa de navio. “Entre essas falésias históricas e as formas curiosas que elas encerram, encontram-se temas únicos de reflexão para artistas contemporâneos”, comenta.

“O Museu Oscar Niemeyer, por meio do MON sem Paredes – Arte ao Ar Livre, chamou um grupo de artistas para criar um diálogo com esse universo tão especial, dando, assim, suas interpretações sobre a singularidade do lugar”, afirma o curador.



Foto: Divulgação/Kulikyda Mehinaku

SOBRE O MON – O Museu Oscar Niemeyer (MON) é patrimônio estatal vinculado à Secretaria de Estado da Cultura. A instituição abriga referenciais importantes da produção artística nacional e internacional nas áreas de artes visuais, arquitetura e design, além de grandiosas coleções asiática e africana. No total, o acervo conta com aproximadamente 14 mil obras de arte, abrigadas em um espaço superior a 35 mil metros quadrados de área construída, o que torna o MON o maior museu de arte da América Latina.

Novo miniauditório do MON é inaugurado com exposição de fotos de Dico Kremer
SOBRE O PARQUE – Localizado em Ponta Grossa, a apenas uma hora de Curitiba, o Parque Estadual de Vila Velha é o primeiro parque estadual criado no Paraná, em 1953. Atualmente é uma concessão do Governo do Estado do Paraná, por meio do Instituto Água e Terra, à Soul Vila Velha, uma empresa do Grupo Soul Parques.

As bilheterias funcionam até as 15 horas. O

parque indica a chegada ainda pela manhã para que os visitantes possam conhecer seus atrativos – Trilha Arenitos, Furnas e Lagoa Dourada – se deliciar com as diversas opções gastronômicas e ainda aproveitar as atrações de aventura: Tirolesa, Arvorismo e Cicloturismo. Mais informações **AQUI**.

Serviço:

“MON sem Paredes – Arte ao Ar Livre – Vila Velha”

Inauguração: 25/02

Horário: 15h

Parque Estadual de Vila Velha

Rodovia BR-376, Km 515, Jardim Vila Velha, Ponta Grossa - PR

Museu Oscar Niemeyer

www.museuoscarniemeyer.org.br



Parque Estadual de Vila Velha receberá obras de arte ao ar livre, numa realização do Museu Oscar Niemeyer

Foto: Divulgação/ Denise Milan

Parque Estadual de Vila Velha receberá obras de arte ao ar livre, numa realização do Museu Oscar Niemeyer

Foto: Divulgação/Sonia Dias de Souza

O cerco ao carnaval de rua em São Paulo



Foto: HERMES DE PAULA

Prefeitura lança-se em cruzada contra os blocos: nega diálogo, corta verbas e tenta criminalizá-los. “Ambevização” e empresariamento dos cortejos são táticas para esgarçar a festa. Como construir políticas públicas efetivas para promover um amplo Direito à Folia?

Por Rôney Rodrigues

Dono da festa, Exu quase perde o axé com tantos gradis pela cidade. Dionísio queria seguir bebendo à procura de bacantes, mas os gambe dispersaram o bloco. O Rei Momo, sitiado entre camarotes e patrocínios, tenta sorrir enquanto a folia lá fora está sem alvará. E assim o Carnaval paulistano dança num ritmo apertado, entre a sabotagem institucional e a resistência.

Nem tudo é glitter, purpurina e xeque-mate. A Prefeitura paulistana cortou, neste ano, 29% do orçamento para o carnaval de rua. A incerteza toma conta de ébrios coletivos com notoriedade no ex-túmulo do samba. O Sargento Pimenta anunciou que, poxa, este ano não desfilará. “Fazer Carnaval não é fácil e, sozinhos, não conseguimos”, comunicaram. Outros, como o Tarado Ni Você e o Pagu, estão na corda-bamba sem sombrinha, sem saber se terão pernas, braços e alento para ocupar as ruas.

O drama não é somente de uns poucos que botam o bloco na rua, mas um ataque sistemático da gestão Ricardo Nunes contra a alma do carnaval de rua na cidade. “É uma festa popular e espontânea. Um acontecimento público, comunitário, com vínculo territorial, cuja essência é a liberdade — e que se sustenta na diversidade. Para sobreviver, depende de certa desinstitucionalidade”, explica Guilherme Varella, autor de *Direito à Folia* (Alameda).

Mas isso não significa apoio do poder público. O professor da UFBA acompanhou de perto a virada do carnaval paulistano na gestão Haddad (2013-2016) como chefe de Gabinete da Secretaria Municipal de Cultura, quando políticas conduzidas por Juca Ferreira reabriram as ruas à festa. De cerca de 40 blocos na época, a cidade saltou para mais de 600 oficiais — efeito direto de uma decisão pública de reconhecer o carnaval como direito, não como problema, diz ele.

E, nu e cru, o diagnóstico é o seguinte: está em curso um processo de desmonte da folia que toma conta das ruas. O prefeito nem disfarça essa cruzada: “Cada bloco precisa ter suas iniciativas de procurar o seu patrocínio. É isso que a cidade de São Paulo incentiva: que as pessoas tenham o seu despertar de empreendedorismo. Ficar acomodado, querendo tudo do governo, não é por aí”.

Em 2024, pelo menos 129 blocos desistiram de desfilar na capital paulista, a maioria de grupos menores e de periferia. O apoio da prefeitura é parco: abre um edital, seleciona sabe-se lá com qual critério uns 100 blocos, paga vinte cinco mil reais e dá um “boa sorte, agora se vire”. Dá para pagar artistas, bateria, trio elétrico e serviços obrigatórios, como o de seguranças, ambulância e cordistas? 25 mil ajuda? Ajuda, mas não garante o financiamento, principalmente dos blocos médios. E o dinheiro, muitas vezes, só cai na conta depois do Carnaval. Há, também, uma imposição pé no saco, alvo de queixas dos carnavalescos — e da população: o Carnaval de Rua de São Paulo é somente *matinê*, ao contrário de muitas outras cidades que tocam a festa até às dez da noite.

“A prefeitura pode — e deve — regular serviços e a dinâmica urbana. Mas não lhe cabe interferir na auto-organização dos blocos. Uma política pública de carnaval precisa reconhecer a diversidade das formas de organização e expressão, e não impor padronizações ou homogeneizações, como se todos os blocos fossem iguais”, analisa o pesquisador, que também integra o bloco Saia de Chita.

O lance, então, são os blocos encontrar empresários com almas generosas, pouquíssimos, já que é mais vantajoso patrocinar megablocos como os da Ivete Sangalo, Léo Santana, Alceu Valença, Pablo Vittar e outros artistas famosos, com direito de passar pela cidade nos melhores lugares e horários. Nada contra, porém são privilegiados numa cidade com mais de 600 blocos “oficiais” e tantos outros “às margens”.

Folia que não desce redondo

“Estamos vivendo a ambevização do carnaval de rua”, aponta Varella. “Uma lógica muito selvagem de captura por empresas patrocinadoras com anuência e estímulo do poder público”. Este processo, diz, está em curso em várias outras cidades: é o carnaval da Skol em São Paulo, o carnaval da Brahma em Salvador, o carnaval da Amstel em Santos etc. “O modelo do financiamento do Carnaval de rua precisa ser urgentemente repensado. A gestão municipal não garante os recursos necessários e as marcas não têm compromisso em apoiar quem de fato fez o Carnaval de São Paulo ser o que é”, diz Raphaela Barcalla, uma das fundadoras do Tarado Ni Você, em entrevista à Folha.

Nunes aprofundou a desvalorização da festa, iniciada na gestão João Doria. Fechou canais de escuta e diálogo. E passou a criminalizar blocos. Uma ilegalidade brutal, aponta o professor da UFBA. Como advogado, ele passa a resenha toda. No plano jurídico, o carnaval de rua é amparado por um conjunto articulado de garantias constitucionais. Trata-se de um direito cultural, por constituir linguagem artística e manifestação das culturas populares; de patrimônio cultural, por expressar memória e identidade social; e de exercício da liberdade de expressão artística. Também envolve direitos políticos e de associação, na medida em que pressupõe organização coletiva e ocupação do espaço público — dimensão próxima à do direito de reunião. Nesse contexto, cabe ao Estado não apenas autorizar, mas assegurar as condições materiais e institucionais para os blocos poderem sair às ruas.

Há dois movimentos institucionais para tentar domesticar a festa de rua. Uma é o “empresariamento” do carnaval. Fazer os blocos serem “empreendedores de si mesmos”, cujo objetivo maior seria, um dia, tornarem-se megablocos ou empresas da indústria do entretenimento. O *modus operandi*: subordinar a festa ao capital e criar vários entraves administrativos. “Blocos de carnaval não podem ser startups”, lembra Varella. “Se isso acontece, deixam de ser blocos”.

Outra forma de atacar o carnaval de rua é a repressão, instaurando um clima de medo ao recrudescer a segurança pública. Nos últimos carnavais, a Guarda Civil Metropolitana foi usada, ilegalmente, como força policial para dispersar os foliões, inclusive com spray de pimenta e balas de borracha. Há, inclusive, campanhas da prefeitura para a população denunciar “blocos clandestinos”, aqueles que se recusam — por questões políticas ou por não terem saco mesmo para papeladas — a se enquadrarem na burocracia. A visão de Nunes é clara: o Carnaval é um transtorno urbano. Um discurso oficial construído em oposição à bagunça, à desordem e à falta de “bons modos” — uma grande plataforma retórica que tenta associar a festa a crimes como roubo, furto e tráfico de drogas. O caso do “golden shower”, no Carnaval de 2019, quando o então presidente Jair Bolsonaro publicou no Twitter um vídeo do carnaval paulistano, foi emblemático para incitar a população contra a folia que desfila pelas ruas. É, o carnaval pode ser mesmo escalofriante para os conservadores, se pensarmos bem, porque “contesta a moralidade instituída, a normalização da cidade, o status quo, a apropriação privada — ele quer ocupar”, nas palavras de Varella.

Tanto é assim que, passa ano, entra ano, os prefeitos têm a ideia brilhante de “construir um blocódromo” — uma clara tentativa de cooptação. Varella lembra que o que hoje são as escolas de samba no Rio e em São Paulo antes eram blocos que simplesmente saíam às ruas. E, na tentativa de controlar, o poder público foi, ano após ano, dizendo: vem para cá, fica na avenida, vamos pôr regras, a gente financia, cria uma associação para se organizar, a gente dá prêmio. E assim o carnaval vai sendo enquadrado. A estratégia? Delimitar fisicamente o espaço urbano dos blocos até que se transformem em grandes desfiles.

Caminhos para uma nova política pública

Como poderia se estruturar, então, uma política consistente de fomento ao carnaval de rua? Varella dá algumas pistas.

A primeira é reposicionar o Carnaval no âmbito da Cultura. Hoje, sob a condução das Subprefeituras e mediado sobretudo pelas Guardas Cíveis, ele acaba sendo tratado como questão de ordem pública. Desde a gestão Doria, essa inflexão deslocou o eixo da política para a lógica do controle. Recolocá-lo na Secretaria de Cultura, reconhecendo-o como manifestação cultural, é essencial.

Outra medida é construir um diálogo efetivo com os blocos, tomando a diversidade como princípio estruturante. Isso implica reconhecer diferentes portes, formatos e vínculos territoriais. No caso dos megablocos — que mobilizam grandes recursos e patrocínios — caberiam contrapartidas para a cidade, como apoio à limpeza urbana e à organização de serviços, por exemplo, em uma lógica redistributiva.

O terceiro ponto é a desburocratização. O excesso de exigências documentais e normativas cria barreiras à participação e à organização. A administração pública

deveria, portanto, adotar procedimentos mais simples e adequados à natureza da festa — uma lógica “mais fluida”, sugere Varella. E, por fim, é preciso reafirmar que o Carnaval pertence a quem o faz. Patrocinadores e empresas podem apoiar, mas não substituir a centralidade dos fazedores na definição dos rumos da festa.

Ao fim da conversa com Guilherme Varella — um cara que estuda e vive a folia intensamente — pedi que falasse sobre a alma encantadora do carnaval. O que veio foi um quase-manifesto, impossível de editar ou picotar ao longo do texto. Vale em sua íntegra, sobretudo diante da necessária defesa de uma festa que molda afetos coletivos, inspira lutas contra o ultraconservadorismo e, por que não, pode provocar as esquerdas a construir um diálogo mais criativo com a população. Aqui vai ele:

O carnaval de rua é, talvez, a manifestação cultural mais radical politicamente que existe. Ele carrega, quando vai para a rua, elementos que colocam em jogo a disputa simbólica e valorativa da sociedade. Mas não faz isso como nas manifestações tradicionais, com cartazes, partidos e uma lógica institucionalizada de reivindicação. A política do carnaval opera pela não convenção, pela contra-ordem: o exagero, o desbunde, o comportamento festivo, a libido, a sátira, a extravagância. São elementos disruptivos, que rompem com a lógica comum para transmitir uma mensagem. Há lirismo, simbolização, sensibilização — estamos falando de linguagem artística, e a arte atua diretamente na subjetividade.

Por isso, sua radicalidade é tão profunda: ela interfere nessa camada sensível, trabalha com símbolos que mediam a vida social e alcança muita gente por meio de múltiplas linguagens. E há ainda o vetor da ocupação do espaço público, fora dos padrões habituais, inclusive fora do padrão das próprias manifestações políticas. Não são duas mil pessoas uniformizadas com cartazes. São duas mil pessoas cantando, muitas vezes seminuas, em estado alterado de consciência, beijando-se, ocupando a cidade de uma maneira incomum. Essa presença não passa despercebida — ela incomoda. E é justamente aí que reside sua força como manifestação cultural radical do ponto de vista político.

Outras Palavras é feito por muitas mãos. Se você valoriza nossa produção, seja nosso apoiador e fortaleça o jornalismo crítico: apoia.se/outraspalavras



Como o Mangubeat inspira uma nova geração de artistas pernambucanos, que ocupam palcos com crítica social



Espetáculo Medeia - Da Lama ao Caos (Foto: divulgação)

<https://www.nonada.com.br/2026/02/como-o-mangubeat-inspira-uma-nova-geracao-de-artistas-pernambucanos-que-ocupam-palcos-com-critica-social/>

Bailarinos, atores e designers de moda, herdeiros de Chico Science, celebram as raízes da expressão cultural criada nos anos 90

Por
Adriana Amâncio

Recife (PE) – Mesmo morando a poucas quadras do Teatro Santa Isabel, o designer de moda Marcelo Mendex, 30 anos, levou uma década para ocupar, pela primeira vez, o palco do suntuoso teatro, que catapultou o Recife para o hall das grandes metrópoles do século 18. E ele não precisou se desconectar da própria história e território para chegar lá.

Pelo contrário, traduziu sua ancestralidade negra e origem periférica para o show de moda ANAMAUE – ecoando a revolução, estreado neste ano. A estratégia é a mesma de Chico Science, mentor do Mangubeat, movimento do

qual Marcelo, nascido e criado na comunidade Santo Amaro, área central do Recife, se considera herdeiro.

Mendex recebeu a reportagem do Nonada no camarim, a poucas horas da estreia, na agitação das modelos e artistas, entre provas e ajustes de figurino, reforça o quanto aquele momento é especial. “São 10 anos para chegar aqui, principalmente trazendo pessoas que são negadas pela sociedade, são taxadas marginalmente. É um grito, é um manifesto, é o eco de Chico que permanece”, empolga-se.

Para a estreia da 31ª edição do Janeiro dos Grandes Espectáculos, que acontece até o dia 4 de fevereiro, o jovem preparou 20 figurinos, roupas



Desfile da coleção Anamauê, de Marcelo Mendx (Foto: @crysliana & @mpastich/divulgação)

que contam a história da origem de Pernambuco e do Brasil, da colonização à contemporaneidade.

Quando o desfile começa, as cortinas se abrem e a luz em foco acompanha os movimentos acrobáticos de uma bailarina. Vestida com um collant de estampa de cobra coral, ela enrosca-se na corda em um jogo hipnotizante de luz e sombra ao som das batidas da música Rios, Pontes e overdrives, clássico de Da Lama ao Caos, álbum inaugural do Manguebeat.

“Eu trago esse animal porque ele representa a Jurema Sagrada, os povos indígenas, os verdadeiros donos de Pernambuco e do Brasil”, explica Marcelo. A cobra coral, animal típico da Mata Atlântica, bioma predominante no Recife, representa uma entidade de grande força e poder na Jurema Sagrada, religião de matriz indígena, em diversas culturas dos povos indígenas.

O título da coleção Anamauê – ecoando a revolução também celebra os povos originários. Essa saudação indígena significa “Salve, iguais!” e está no refrão de Maracatu Atômico, música de Jorge Mautner e Nelson Jacobina, do álbum Afrociberdelia, segundo disco de estúdio da

banda brasileira de manguebeat Chico Science & Nação Zumbi, que completa 30 anos este ano.

A entrada do Caboclo de Lança na passarela do Teatro Santa Isabel concretiza a conexão entre a origem e a contemporaneidade. Figura lendária do Maracatu Rural, sua apresentação é caracterizada pelo cravo na boca, cabelos coloridos e lança que rasga o ar com movimentos de guerreiro. “Ele é um guerreiro, assim como são os povos periféricos. Me identifico, como um jovem negro, vindo da comunidade Santo Amaro, um bairro com muito potencial cultural, mas bastante marcado pela violência e falta de acesso a serviços básicos”, traduz Marcelo.

O desfile segue com figurinos que exibem diversos animais do mangue, como o caranguejo, crustáceo típico do ecossistema do Recife. Entidades da umbanda, como o Caboclo Sete Flechas, ou Oxóssi, também se fazem presentes. O espetáculo apresenta também o mangueboy, persona criada por Chico Science, que tem como imagem-símbolo uma antena parabólica enfiada na lama. Em outro momento, Louise França, filha de Chico, surge na passarela adornada com um manto costurado com fuxico de chita, uma trama

que mostra o entrelace entre as histórias das aldeias e quilombos, dos morros e das favelas.

Segundo Marcelo, a performance de Louise carimba a mensagem principal da obra: “O espetáculo Anamawê – ecoando a revolução é como Louise, uma artista que está contando também essa história [iniciada pelo pai] para o futuro, sem se desprender das suas raízes, pois não tem como a gente olhar para o futuro sem lembrar dos nossos ancestrais”, conclui.

Assim como o Mangubeat, Marcelo Mendex bebeu da cultura ancestral para cruzar as pontes que separam Santo Amaro do Teatro de Santa Isabel, mas não só. Guiado pelo símbolo africano Sankofa, ele retornou ao passado e ganhou impulso para cruzar as muitas camadas de desigualdade socioeconômica até a universidade, até o palco. Originário de Gana/Costa do Marfim, o símbolo Sankofa é representado por um pássaro com a cabeça virada para trás e um ovo no ventre.

O Nonada ouviu diferentes artistas e pesquisadores que seguem o legado do movimento cultural em seus processos

artísticos. Da influência direta na música passando pelas artes cênicas e pela moda, os gritos do mangue seguem fortes na arte pernambucana e brasileira.

Mangubeat: estética e contestação social

O pesquisador Jenner dos Santos, em sua pesquisa “Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar”, desenvolvida na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), define o Mangubeat como um movimento que uniu estética e contestação social. Mesclando ritmos africanos e indígenas com rock e hip-hop, o gênero enaltece a cultura popular.

Como um movimento cultural surgido na década de 1990, ele coloca a cidade em projeção nacional, a partir de uma série de influências da cultura pop, Hip hop e outros gêneros. Ao mesmo tempo, inspirado pela obra de Josué de Castro, o Mangubeat ficou conhecido por propagar letras de denúncia da fome e da urbanização desordenada que impactou o mangue, ecossistema predominante no Recife. Além de abordar a violência e o racismo estrutural.



Chico Science e Nação Zumbi (Foto: reprodução)



Espetáculo Medeia – Da Lama ao Caos (Foto: divulgação)

Na música, a obra *Da Lama ao Caos*, primeiro álbum da Nação Zumbi, é considerada a pedra fundamental do movimento. Letras como Rios, Pontes e Overdrives ocupavam as rádios do Brasil com versos que falavam da rotina dos jovens negros da periferia invisibilizados nas grandes capitais. Em *Da Lama ao Caos*, Chico assume a voz de um menino em situação de rua que desperta para a seguinte reflexão “posso sair daqui pra me organizar, posso sair daqui pra desorganizar”.

Por mais de 30 anos, o jornalista José Teles cobriu cultura em Pernambuco. Dedicado também à pesquisa e à escrita, ele, que produziu quatro livros sobre o tema, sendo o último “*Criança de Domingo – uma biografia musical de Chico Science*”, considera que o “manguebeat fez mais pela cultura popular pernambucana do que o Movimento Armorial”, afirma. Durante a disseminação do movimento, artistas populares como Lia de Itamaracá, Mestre Salustiano, Mestres de Maracatu Rural ganharam os grandes palcos do Brasil e do mundo.

Manifesto caranguejo

As luzes se acendem, bailarinos giram em torno

de saia vermelha. É *Medéia*, a mulher traída por Jasão, expressa a dor do abandono cruel. Ela é a própria representação do Recife, tomado por problemas ambientais que perdem espaço em meio ao crescimento urbano.

Em outro momento do espetáculo, de uma panela de barro gigante, muitos caranguejos partem em busca de um rumo. Promovendo um diálogo entre o conto grego de Eurípides (431 a.c.) e o teatro contemporâneo *Medeia – Da Lama ao Caos* mostra ao público os impactos ambientais da urbanização do Recife. O aterramento dos mangues, que dá espaço ao concreto dos edifícios, é um dos temas que ganha ênfase na performance.

Criado em 2023 pela Cênicas Cia. de Repertório, o espetáculo teatral promove debates após cada sessão. “A gente inicia o nosso espetáculo com trechos do Manifesto dos Caranguejos. O Recife precisa de um choque, senão ele vai morrer afogado. Precisamos entender a cidade onde a gente mora, precisamos entender o que acontece nos nossos entornos”, clamam os artistas em cena. O Manifesto Caranguejo com Cérebros foi escrito por Fred ZeroQuatro e marca a fundação do Movimento Manguebeat.

A atriz, co-escritora e uma das criadoras do espetáculo Gabriela Cicarello, ainda tem vívida a lembrança da reação do público na estreia do grupo. “No primeiro espetáculo que exibimos, ao final, o público nos procurou e disse: ‘você precisam falar mais sobre isso! Você precisam falar mais sobre isso!’, recorda. Ela acredita que abordar os problemas do Recife, a partir da realidade de cada morador, fez a diferença. “Localizar o espetáculo, falando do Recife, é fundamental para criar identificação, provocar o público.

Para alcançar essa linguagem, os atores lançam mão do corpo caranguejo, uma técnica de desconstrução humana, que torna mais realista a encenação. “A gente usa o corpo caranguejo para trazer o animal corporificado. Tem muita presença do chão, do plano médio baixo. Acionamos essa corporeidade, fisicalidade do caranguejo no nosso corpo. Esses movimentos são acompanhados de guitarras e da sonoridade do mangubeat”, reforça.

Após algumas exposições, Cicarello afirma ter percebido uma mudança no perfil do público. “Pessoas que moravam próximo ao mangue passaram a frequentar o espetáculo e contar os

seus problemas, as suas histórias. A exibição permite levar a mensagem, mas também escutar o público em rodas de debate”, conclui.

A dança que fala do Recife

Com 32 anos de atuação, o Grupo Experimental surge do luto pela morte trágica de Chico Science, ocorrida em 03 de fevereiro de 1997. Naquele momento, a bailarina Sonaly Macêdo, amiga pessoal do cantor, profundamente abalada, convidou a também bailarina e coreógrafa, Mônica Lira, para “dançar o luto”. Assim, nasce Zambo, assinado pelo Grupo Experimental, uma crônica dançada sobre dor, perda, mas que logo assume a voz do mangubeat e “através do corpo, reflete sobre as problemáticas da cidade, as questões sociais, ambientais e políticas”.

Por meio da dança contemporânea, caracterizada pela forma de dança livre e experimental que se contrapõe ao balé clássico, o espetáculo exibe um amálgama de movimentos que valorizam o contato com o chão e a combinação de técnicas de teatro e performance com referências de frevo, cavalo marinho, maracatu, e outras expressões culturais típicas da cultura pernambucana.



Espectáculo Zambo (Foto: Gabriel Mesgo / Grupo Experimental)

Há mais de três décadas à frente do espetáculo, Mônica Lira explica que “além de uma celebração à memória de Chico Science, ele é considerado uma abertura do portal para uma dança que fala do Recife tal qual o manguebeat. Deste portal, muitas crônicas surgiram abordando questões sociais e econômicas. Falamos do sincretismo religioso, da rotina de pessoas de periferia, espremidas no transporte público, entre o vai e vem de uma metrópole que impõe a constante necessidade de sobrevivência.”

Nos anos 2000, o grupo levou aos palcos Quincunce, espetáculo que denunciava o drama das famílias do Edifício Holiday. Com um elenco de bailarinos, a obra traça uma história de glamour e abandono. A edificação dos anos 50 foi um ícone da arquitetura modernista, encravado em Boa Viagem, bairro com o metro quadrado mais caro do Recife, e servia como residência de veraneio das famílias mais ricas da cidade.

Com o passar do tempo, o Holiday caiu no desencanto da alta classe, que passou a preferir apartamentos à beira mar. O prédio passou, então, a ser habitado por famílias populares, donas de pequenos estabelecimentos no bairro. Sem administração e manutenção sistemática, a estrutura se deteriorou e, em 2019, as famílias foram retiradas do prédio por meio de ordem judicial. Muitas delas ficaram em condições de vulnerabilidade e não foram ressarcidas do investimento que fizeram na compra dos apartamentos.

Essa semente cultural, cultivada na rua que abriga uma estátua de Chico, deu bons frutos. O projeto Núcleo de Formação em Dança se torna um braço do Grupo Experimental que leva aulas de dança aos jovens de bairros de periferia como Brasília Teimosa e Ibura, no Recife, e Peixinhos, em Olinda.

Lira considera a experiência desafiadora. “Todo esse trabalho dentro das comunidades foi difícil, pois uma coisa é você trazê-los para o seu habitat, outra coisa é você entrar na comunidade deles oferecendo uma coisa que eles não estavam acostumados, que é o balé clássico, a dança contemporânea, aula teórica, assistência psicológica”, avalia. A etapa seguinte ao treinamento consiste em uma triagem para identificar os jovens que mais evoluíram, somada a construção de espaços de treinamento no

Centro do Recife.

Cerca de 600 jovens, de 13 bairros passaram pelo projeto, que além das aulas, oferecia auxílio transporte, fardamento e lanche. “Muitos deles, hoje, são profissionais de dança que atuam no próprio Grupo Experimental e em balés de São Paulo, Minas Gerais e fora país. A ideia [do projeto] era possibilitar a realização de um sonho,” pondera Lira.



Jornalista, com mestrado profissional em marketing digital. Vencedora do Prêmio Cláudio Weber Abramo de Jornalismo de Dados, com a reportagem “Caminhos da alimentação - o que chega à mesa das mulheres negras”, produzida pela Gênero e Número. Venceu o prêmio Sassá de Jornalismo de Direitos Humanos, na categoria spot, e o concurso “Podcast, seu Conteúdo para o mundo”, promovido pela Abraji com apoio da Embaixada dos Estados Unidos, com a produção Cidadãs das Águas. Possui 25 anos de experiência em reportagens investigativas colaborando com Uol, Folha de São Paulo, BBC Brasil, DW Brasil, Mongabay Brasil e Estados Unidos, Portal Catarinas, AZMina, Gênero e Número, Marco Zero Conteúdo, Repórter Brasil, O Joio e O Trigo, Pública, ICL, Revista Piauí, Intercept Brasil, Ponte Jornalismo, Lunetas, Nós, Mulheres da Periferia e Revista Educação. Atuou, entre os anos de 2023 e 2023, como correspondente da região Nordeste no Colabora - jornalismo sustentável.

MEMÓRIA CULTURAL

A artista plástica Maria Lídia Magliani é lembrada pelos 80 anos do seu nascimento



Renato Rosa (foto) está organizando exposição no mês de março, quando também completa 80 anos, no Paço da Prefeitura de Porto Alegre, com obras do acervo de Magliani e outras de sua própria autoria | Crédito: Divulgação/Acervo Renato Rosa

Intensas, focando no drama humano, a artista pelotense eternizou-se por suas obras impactantes e questionadoras

26.jan.2026 - 18:51
Porto Alegre (RS)
Eugênio Bortolon

Maria Lídia Magliani entrava silenciosamente na redação da Folha da Manhã, jornal da antiga Caldas Júnior, e caminhava para sua mesa de trabalho. Cumprimentava e falava com pouca gente. Tinha uma personalidade forte, mas era irascível e impaciente, segundo alguns de seus amigos, mas generosa com quem ela queria e com quem se aproximava para um papo.

Ela se inquietava com a barulheira do pessoal da editoria de Esportes – sempre falando aos gritos, torcendo, com os rádios ligados, acompanhando o noticiário. Era diagramadora no jornal, mas estávamos, todos que ali trabalhavam em meados dos anos 1970, sabendo de que

ela era uma grande artista.

Neste domingo (25), ela faria 80 anos do seu nascimento. Pelotense de 1946, vagou pelo Brasil desde os quatro anos (Porto Alegre, São Paulo, Tiradentes/MG e Rio de Janeiro) e, pouco a pouco, foi engrandecendo sua imagem, o seu trabalho, o seu estilo. Uma vida, enfim, cheia de deslocamentos, contrastes e profundidade.

Primeira artista negra a se formar em artes plásticas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), em 1965. Atuou como pintora, desenhista, gravurista, diagramadora, ilustradora, figurinista e cenógrafa, transitando assim por diferentes linguagens. Seus trabalhos eram fortes, intensos, de caráter superior. Era uma multiartista em todos os sentidos. Morreu em 2012 no Rio de Janeiro de problemas cardíacos.



Seus trabalhos eram fortes, intensos, de caráter superior. Era uma multiartista em todos os sentidos | Crédito: Acervo Renato Rosa

Tem obras espalhadas por dezenas de museus, é nome de rua em Porto Alegre, de escola em Pelotas e entrou para a história da cultura artística gaúcha como um talento inquestionável. Como disse o Museu Iberê Camargo em exposição realizada em 2022 com 200 obras, produzida ao longo de 50 anos de carreira, muitas delas de propriedades particulares, como as de sua amiga Maria da Graça Guindani: “Eu não nasci para enfeitar o mundo, eu pinto porque a vida dói”.

A frase de Iberê poderia ter sido escrita por Maria Lídia Magliani, cuja obra conflui em muitos aspectos com a do mestre. Mulher, negra e pobre, e, embora essa conjunção tenha freado muitas vezes sua produção, foi também o cadinho (material de laboratório usado principalmente para aquecer, derreter, queimar substâncias) de sua obra, que é visceral, dolorida e pungente – “uma arte para incomodar”.

Seu amigo Caio Fernando de Abreu

O escritor Caio Fernando Abreu (autor de Morangos Mofados) era um dos amigos mais próximos de Magliani. Ia com frequência ao jornal Folha da Manhã visitá-la e lá também trabalhou em períodos distintos da década de 1970 – contemporâneo da artista. Retratou-a como amiga de longa data e companheira de intensas vivências artísticas e noturnas. Magliani fazia parte do círculo de “malditos” da geração de Caio, destacando-se por sua dedicação integral à arte. Sempre se correspondiam por carta. Hoje, essas cartas fazem parte do epistolário de Caio.

Ambos faziam parte de um grupo de artistas que produziu no Brasil, durante a ditadura militar, explorando temas como liberdade e arte, sem se curvar a críticas fáceis. As cartas entre eles, muitas vezes, abordavam a subjetividade, angústias e a produção artística, refletindo a atmosfera intensa daqueles tempos.



Intensas, por vezes grotescas ou comprimidas, focando no drama humano, Magliani eternizou-se por suas obras impactantes e questionadoras | Crédito: Acervo Renato Rosa

O marchand Renato Rosa – pintor e negociante de obras de arte – era também outro grande amigo de Magliani. Ele está organizando exposição no mês de março, quando também completa 80 anos, no Paço da Prefeitura de Porto Alegre, com obras de seu acervo e outras de sua própria autoria. “A mostra é uma homenagem para Magliani, mas a raiz de tudo celebra a nossa duradoura amizade de 50 anos. Quando nos conhecemos, ela recém se formara, em 1965, e fizera sua primeira exposição na Galeria Espaço. Nos mantivemos irmãos da vida até o seu passamento”, diz Rosa.

Intensas, por vezes grotescas ou comprimidas, focando no drama humano, Magliani eternizou-se por suas obras impactantes e questionadoras. Como disse a jornalista Fátima Torri, sua arte não se encaixa na sala de jantar, muito menos no quarto das crianças. “É uma arte que questiona, que provoca, uma força visceral que revela o lado sombrio do ser humano, o mais humano que se pode ser. Telas escuras apresentam corpos nus, figuras humanas de proporções volumosas, cores fortes, poemas e títulos”, diz.

Retirada

Na década de 1980, circulando entre São Paulo, Rio, Brasília e Porto Alegre, Magliani era considerada uma das mais importantes artistas brasileiras. Apesar do sucesso junto à crítica, seu trabalho, que nunca serviu para enfeitar paredes, jamais alcançou a monetização que lhe era devida, levando a artista a se retirar para Tiradentes, em Minas Gerais. Foi o início de um processo de apagamento do qual Magliani não se recuperou até seu falecimento em 2012.

Diante deste quadro “cigano” de sua vida, o Museu Iberê Camargo afirma, através de sua comunicação, que foi com emoção que empreendeu o resgate da artista, que revelou-se um enorme desafio, pela quantidade e qualidade

de pinturas, desenhos, ilustrações, atuação em teatro, figurinos, cenários, textos, entrevistas e cartas.

“Assim, cientes da impossibilidade de processar todo esse material a tempo de conceber uma leitura inovadora, optamos por realizar uma mostra retrospectiva, que apresenta em ordem cronológica, de 1964 a 2012, as diversas fases do trabalho de Magliani, acompanhada de uma cronologia ilustrada. Para compartilhar com o público a instigante personalidade da artista e sua multiplicidade, que tanto nos impressionou, também permeamos o percurso da mostra com algumas de suas frases e fotos”, destacou. Os curadores da mostra de 2022 foram Denise Mattar e Gustavo Possamai.



A artista usava a estética neoexpressionista para refletir sobre a situação política do país e a condição da mulher e do corpo feminino na sociedade | Crédito: Acervo Renato Rosa

A artista evitava definições rígidas e associações a rótulos ou modismos, mantendo uma produção marcada pela recusa ao previsível. Sofreu racismo em vários momentos. Mas nunca esqueceu suas origens. No início de sua carreira, em 1973, participou da exposição Três pintores negros, organizada por um movimento antirracista em Porto Alegre, em homenagem à memória de Zumbi dos Palmares, símbolo da resistência negra no Brasil.

O trabalho de Magliani se caracteriza por temas influenciados pelo movimento feminista e por utilizar a estética neoexpressionista para refletir sobre a situação política do país e a condição da mulher e do corpo feminino na sociedade. Ainda assim, fazia questão de não se declarar militante. Reconhecida por suas ilustrações em jornais e revistas de caráter revolucionário, bem como por sua atuação no teatro vanguardista, sua arte representa uma forma de crítica e denúncia, especialmente em relação à percepção das mulheres negras na sociedade.

No final da década de 1970, em meio ao contexto político do regime militar brasileiro, Maria Lídia Magliani produziu pinturas que retratavam corpos grandes, frequentemente autorreferenciais. Em suas composições, os corpos aparecem comprimidos, como se estivessem prestes a ultrapassar os limites das vestes e do próprio suporte da tela. Elementos associados ao neoexpressionismo, situados entre a pintura e o desenho, tornaram-se centrais em sua poética e se consolidaram ao longo de sua trajetória artística.

Magliani manteve relações duradouras no meio artístico, entre elas a parceria com a galerista Tina Zappoli, com quem trabalhou desde a década de 1970, antes mesmo da fundação da Galeria Zappoli, em Porto Alegre, quando o espaço ainda se chamava Galeria Tina Presser.

Parte de seu acervo integra o Núcleo Magliani, mantido no Estúdio Dezenove, no bairro de Santa Teresa, no Rio, sob a curadoria e cuidado do artista plástico Júlio Castro, seu amigo e colaborador. Somou, ao longo de sua carreira, mais de 100 exposições individuais ou coletivas. No fim da vida, já invisibilizada pelas instituições e pelo sistema, passou por dificuldades financeiras. Chegou a morar em um quarto simples de uma pensão no boêmio bairro da Lapa no Rio.

Em suas composições, os corpos aparecem comprimidos, como se estivessem prestes a ultrapassar os limites das vestes e do próprio suporte da tela | Crédito: Acervo Renato Rosa

Exposições

- 1966 – 1ª Exposição Individual, Galeria Espaço, Porto Alegre, Brasil
- 1967 – 3º Salão Nacional de Arte Contemporânea de Campinas, São Paulo, Brasil
- 1977 – Exposição Individual, Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio Grande do Sul
- 1979 – Artistas Gaúchos, Embaixada do Brasil nos Estados Unidos, Washington, D.C., Estados Unidos
- 1981 – Desenho e Gravura no Rio Grande do Sul, Museu de Arte do Paraná (MAP), Curitiba, Brasil
- 1983 – Maria Lídia Magliani, Centro de Estudos Brasileiros, Assunção, Paraguai
- 1983 – 17ª Bienal de São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (Curador: Walter Zanini)
- 1987 – Exposição Retrospectiva, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil
- 2022 – Individuais no Estúdio Dezenove e na Fundação Iberê Camargo
- 2022 – É Infinito Agora, Estúdio Dezenove, Rio de Janeiro
- 2023 – FUNK! Um grito de ousadia e liberdade, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro
- 2023/2024 – Magliani Gráfica – Itinerâncias: Rio Grande do Sul, Juiz de Fora, Minas Gerais

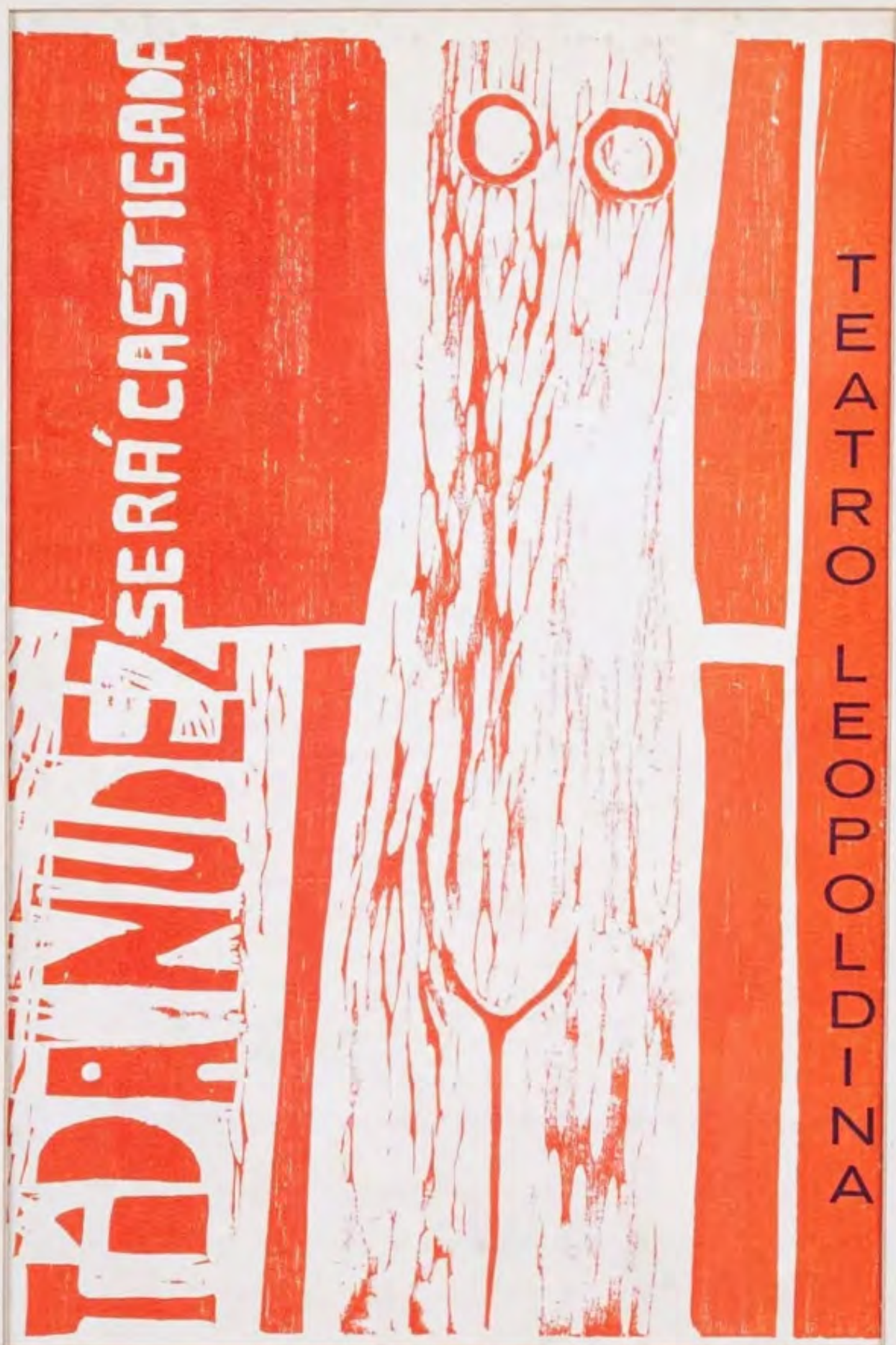
Prêmios

- 1965 – Salão de alunos do Instituto de Artes / Ufrgs (Menção Honrosa)
- 1993 – Panorama da Arte Brasileira, São Paulo, Brasil (Menção Honrosa)
- 1995 – 46º Salão de Abril, Fortaleza, Ceará, Brasil (homenageada)

Coleções

- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo
- Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), Porto Alegre
- Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Porto Alegre
- Galeria Espaço Cultural Duque, Porto Alegre
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro
- Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), Florianópolis
- Museu Afro Brasil, São Paulo
- Fundação Vera Chaves Barcellos, Porto Alegre
- Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), Porto Alegre

<https://www.brasildefato.com.br/2026/01/26/a-artista-plastica-maria-lidia-magliani-e-lebrada-pelos-80-anos-do-seu-nascimento>



Magliani
Capa de programa
Xilogravura - 1969
Reprodução xerográfica

Maior coleção de arte afro-brasileira já repatriada chega ao Muncab



Muncab/Divulgação

Maior coleção de arte afro-brasileira já repatriada chega ao Muncab

Ao todo, são 666 obras de 135 artistas

Um conjunto de 666 obras de 135 artistas afro-brasileiros foi reincorporado nesta segunda-feira (26) ao patrimônio nacional. Maior coleção de arte afro-brasileira já repatriada ao Brasil, as obras chegaram no dia 12 de janeiro ao Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira (Muncab), em Salvador.

O conjunto retorna ao país por meio da doação internacional do acervo Con/Vida, organizado pelas norte-americanas Bárbara Cervenka e Marion Jackson. A exposição das novas peças ao público está prevista para o início de março.

O acervo reúne três décadas de obras, como pinturas, esculturas, fotografias, gravuras, xilogravuras, arte sacra, objetos rituais, estampas e outras tipologias. Estão incluídos artistas fundamentais da produção afro-brasileira, como J. Cunha, Babalu, Goya Lopes, Zé Adário, Lena da Bahia, Raimundo Bida, Sol Bahia, Manoel Bonfim, entre muitos outros.

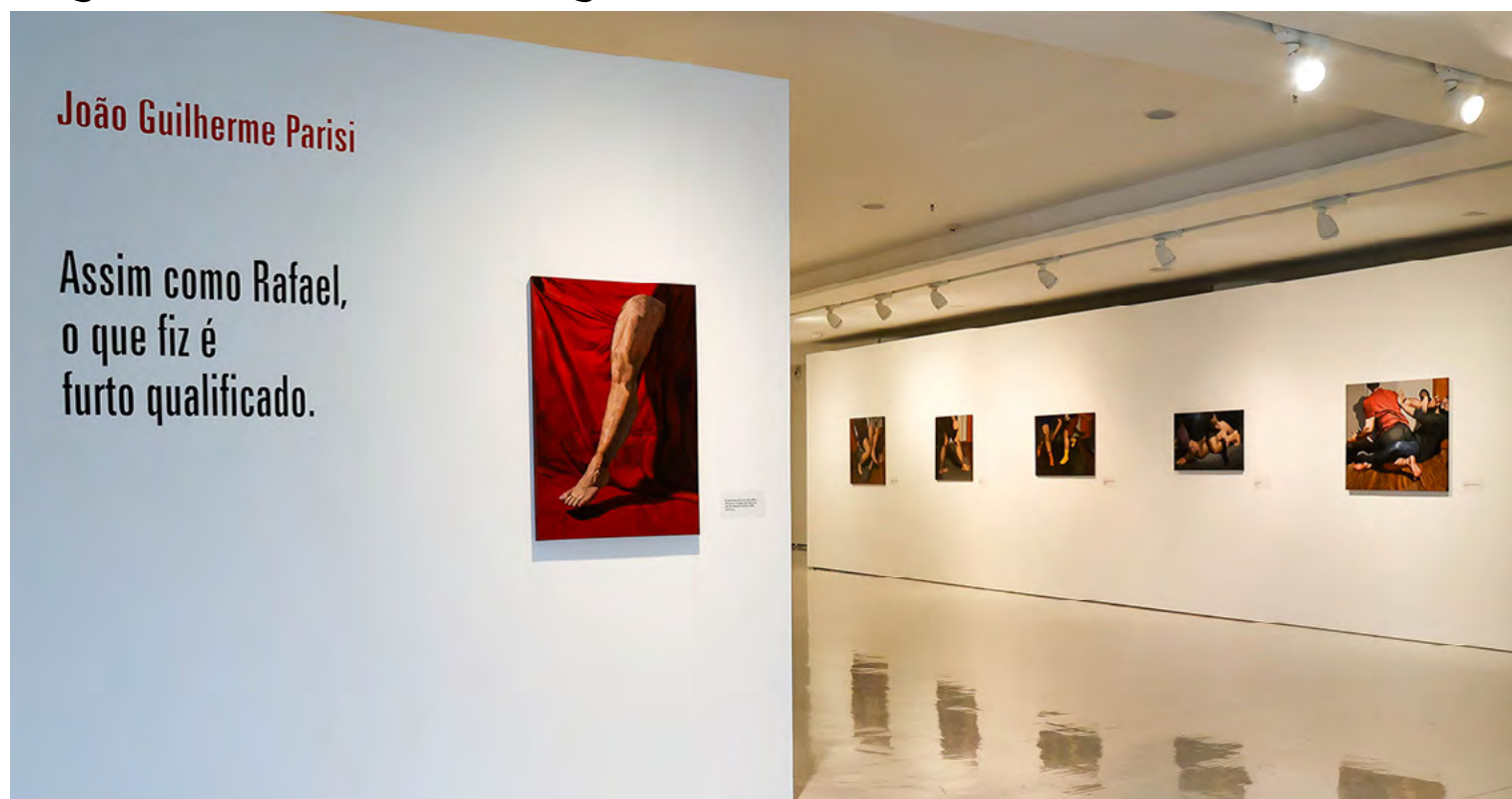
A iniciativa contou com o apoio do Ministério da Cultura (MinC). Durante a cerimônia de reintegração, a ministra Margareth Menezes disse que a repatriação simboliza um reencontro do Brasil com sua própria história.

“Esses bens culturais retornam como objetos artísticos e como testemunhos vivos da memória afro-brasileira, reforçando a dignidade, a identidade e o pertencimento cultural do povo brasileiro”, afirmou Margareth Menezes.

Com a incorporação do novo conjunto, o Muncab passa a abrigar uma das maiores coleções de arte afro-brasileira do país. Para a diretora do MUNCAB, Jamile Coelho, a devolução tem traz a perspectiva de ampliar o conhecimento sobre a produção cultural brasileira, seus bens culturais e o direito à memória e reparação histórica.

“Trata-se de uma devolução de profundo valor simbólico e histórico. Essa coleção deixou o Brasil legalmente e retorna por decisão consciente das colecionadoras, que reconheceram a importância de seu retorno à origem. Este acervo fortalece a missão do museu de contar a história do Brasil a partir de perspectivas democráticas, inclusivas e plurais”, afirmou.

Exposição no MAC faz releitura de ações e intenções na história da arte



Obra de abertura Se estivesse entre nós, teria CRO e ofereceria a solução para essa sua cara de mexerica murcha (2023),

Na mostra Assim Como Rafael, O Que Fiz é Furto Qualificado, o artista João Parisi revê gestos clássicos para retratar imagens contemporâneas e irônicas

Texto: Manuela Trafane*
Arte: Daniela Gonçalves**

A arte rouba da arte o tempo todo porque as ideias não nascem do nada, mas sim da inspiração no que já foi feito. Pelo menos é nisso que o artista João Parisi acredita. Em sua exposição Assim Como Rafael, O Que Fiz é Furto Qualificado, Parisi revê gestos espalhados pela história da arte para retratar imagens fragmentadas: da cintura para baixo. A mostra fica em cartaz no Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP) até o dia 1º de março. A entrada é gratuita.

Enquanto trabalhava na Capela Sistina (Cidade do Vaticano), o pintor renascentista Michelangelo proibiu que qualquer um entrasse no local. No

livro Vida dos Artistas, o autor Giorgio Vasari conta que, apesar disso, outro artista renomado do período, Rafael Sanzio, conseguiu invadir a capela. “Ele rouba a figura do profeta Isaías criada por Michelangelo, faz uma pintura dela e lança no mundo primeiro. Nunca foi culpabilizado por isso”, conta Parisi.

Ao nomear sua exposição individual no MAC Assim Como Rafael, O Que Fiz é Furto Qualificado, Parisi se inspirou na história. “Eu usei essa referência na mostra porque revela um mecanismo da história da arte pouco abordado, que é como os artistas estão roubando tudo de todos o tempo todo. Quis radicalizar essa grande cultura visual de ‘transferência de imagens’”, continua. Para isso, suas obras “roubam” elementos da história.



João Guilherme Parisi – Foto: Cecília Bastos/USP Imagens



Obra Desculpe, achei que poderia pisar... (2023), de João Guilherme Parisi – Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

As 19 pinturas expostas usam a estética clássica para retratar cenas no ambiente contemporâneo, só que da cintura para baixo. A ideia partiu tanto de uma investigação profissional quanto pessoal. Como artista, Parisi queria entender o que esses recortes causariam nos espectadores. “O olhar para baixo coloca o indivíduo em outro espaço, desarma quem olha. Todas as vezes que mostrei esses trabalhos percebi uma relação ou de repulsa, ou de atração. Mas sempre algum desconforto.” Enquanto produzia a primeira obra da exposição, Desculpe, achei que poderia pisar... (2023), o artista descobriu que tinha uma condição crônica no pé e sentiu a necessidade de explorar a imagem biograficamente também. Por isso, todas as pernas, pés e corpos retratados são do próprio artista — mesmo quando retrata uma figura feminina. Um exemplo é a obra Pocotó, mais quero asno que me leve do que cavalo que me derrube.

Nela, é retratado o momento final do mito de Phyllis e Aristóteles. A história diz que o filósofo grego Aristóteles recomendou a seu pupilo, Alexandre, o Grande, que evitasse sua amante, Phyllis, pois ela atrapalharia seus estudos. A mulher, por sua vez, se sentiu rejeitada e decidiu seduzir o filósofo, que caiu na tentação. Como revanche, Phyllis convenceu Aristóteles a ficar de quatro e carregá-la. Apesar de ser uma figura feminina, Phyllis é representada por Parisi em seu quadro.

Os títulos atribuídos a suas obras chamam a atenção. Segundo Parisi, eles são usados para “desarmar” o observador. “É muito importante que o museu tenha decidido expor também os títulos, porque eles são partes fundamentais das obras. Muitas vezes as pessoas pensam que esses trabalhos são muito sisudos, sérios, por parecerem uma arte quase clássica, quando, na verdade, partem de um deboche. Os nomes trazem essa quebra de expectativa”, explica.

A obra de abertura, Se estivesse entre nós, teria CRO e ofereceria a solução para essa sua cara de mexerica murcha (2023), demonstra isso. Num fundo vermelho, a peça imita a perna decepada de Tiradentes — Joaquim José da Silva Xavier, um dos líderes da Inconfidência Mineira, enforcado e decapitado pelas autoridades portuguesas por conspiração contra a coroa. Por ser dentista, tinha esse apelido.

O registro no CRO (Conselho Regional de Odontologia) é o documento que um dentista precisa para exercer sua profissão. Com o título, Parisi ironiza o uso da profissão, hoje, muitas vezes mais para fins estéticos do que odontológicos. “Por meio dessa perna glamourizada, com um tecido vermelho atraente atrás, fiz essa brincadeira que pensa o que seria a figura de Tiradentes atualmente. Será que teria

um impacto político igual ao que teve em sua época?”, questiona Parisi.

Outro nome divertido é o da obra Quebra pau! Não me calarei para sempre (2023). A peça é um recorte da obra de Rafael Sanzio Casamento da Virgem. “Rafael roubou de Michelangelo, eu roubei dele também. Ele não passou ileso nesse processo”, brinca. A obra renascentista representa a história apócrifa do casamento de Maria, mãe de Jesus — narrativa que, embora possa ter valor histórico ou literário, não é aceita como oficial pela tradição religiosa e diverge das escrituras aceitas.

No relato, todos os pretendentes da Virgem recebiam um pedaço de pau e aquele de cujo pedaço brotasse uma flor, seria o noivo da

mulher. José foi o escolhido. O quadro de Rafael mostra os dois se casando e ao lado alguns dos homens rejeitados quebram seus pedaços de madeira, como demonstração de raiva. Esse ato agressivo poderia ser interpretado, inclusive, como o motivo pelo qual não foram escolhidos.

No trabalho de Parisi, apenas as pernas de um desses homens são retratadas, vestindo meia-calça vermelha e pisando em uma tapeçaria da Virgem Maria grávida junto de sua avó, Santa Ana. “Essa figura é quase um ódio, que quebra e tem uma força estrondosa. Ele está literalmente pisando na figura de uma mulher grávida – e grávida de Jesus Cristo, ainda por cima. Por isso é uma figura de ira, que traz essa grande acidez à exposição”, diz.



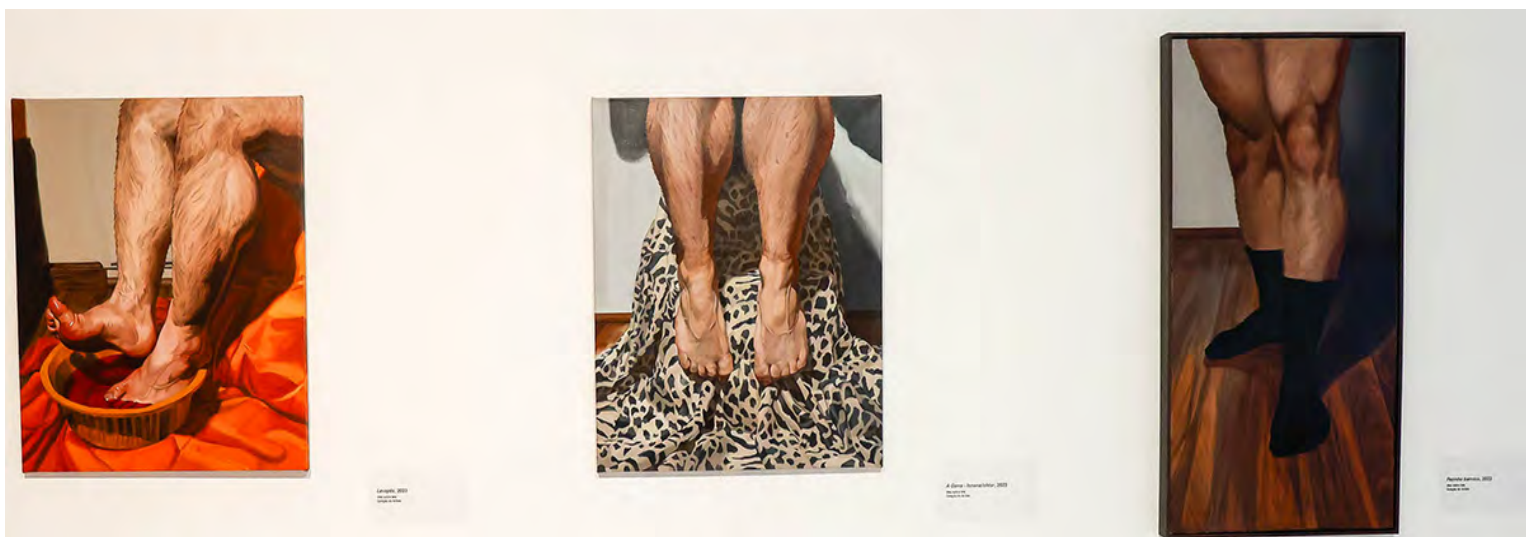
Obra Quebra pau! Não me calarei para sempre (2023), de João Parisi
– Foto: Cecília Bastos/USP Imagens



Obra Casamento da Virgem (1504) – Foto: Wikimedia Commons



À esquerda, obra Desculpe, achei que poderia pisar... (2023), ao centro a obra Lutinha: rinha de cajado-serpente e uma corte em choque (2023), à direita a obra Pocotó, mais quero asno que me leve do que cavalo que me derrube (2023), de João Parisi – Foto: Cecília Bastos/ USP Imagens



João Parisi e o MAC-USP

A parceria entre Parisi e o MAC-USP começou no final de 2023, quando ele inscreveu suas obras no 3º Edital de Exposições Temporárias 2024/2025 do MAC-USP. Enquanto seu projeto era julgado pela comissão, o artista recebeu o aceite como mestrando do museu. Entrou e iniciou sua pesquisa na Teoria da Restauração Italiana — estudo que estabelece uma técnica sobre o processo de restauro de obras de arte.

Sua orientadora, e também curadora de Assim Como Rafael, O Que Fiz é Furto Qualificado, Ana Magalhães, o incentivou a pesquisar o acervo do museu. Depois disso, foi estagiário de docência do ensino superior do MAC, ministrando uma disciplina de graduação, também com Magalhães. “Sinto que, nesse

período, os anos preparatórios desde que mandei o projeto até conseguirmos abrir a exposição, eu comecei a me relacionar de forma muito profunda com o museu e seu acervo”, revela.

“Acho que não existem muitas pessoas que podem falar que foram alunas, pesquisadoras, estagiárias e artistas em exposição do MACUSP. Por isso criei uma perspectiva muito singular da instituição”, complementa. Parisi acredita que a mostra não poderia estar exposta em outro lugar, por seu caráter de investigação histórica e teórica, que cabe “perfeitamente” num museu universitário.

*Estagiária sob supervisão de Marcello Rollemberg

**Estagiária sob orientação de Moisés Dorado

The logo for the Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC) features the lowercase letters 'mac' in a bold, white, sans-serif font, centered on a solid black rectangular background.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ



CATÁLOGO GERAL do ACERVO do

MAC
MUSEU de ARTE CONTEMPORÂNEA do PARANÁ

O Acervo de obras do Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR) é composto, atualmente, por 2.053 obras. Inicialmente, um conjunto de 200 itens que pertenciam ao Departamento de Cultura e ao patrimônio do Paraná foi incorporado ao acervo do museu (por meio do decreto nº 18.580, de 18 de março de 1970).

A adição de uma obra de arte ao acervo do MAC pode ocorrer a partir de doações dos artistas, vinculadas a uma exposição, individual ou coletiva, organizada pelo museu. Em 1989, com a inauguração da Sala Theodoro De Bona, esta prática foi oficializada, sendo prevista em regulamento.

A entrada de uma obra de arte no museu deve passar pelo crivo do Conselho Consultivo, formado por especialistas na área e

presidido pela direção do museu. Os assuntos relacionados ao acervo são discutidos em reuniões especiais e registrados em livro de atas.

Os critérios para essa incorporação, previamente estabelecidos são, no MAC, os da contemporaneidade da linguagem e/ou relevância histórica da obra.

O Salão Paranaense sempre foi um importante meio de obtenção de trabalhos artísticos para o museu, em função dos prêmios-aquisição distribuídos pelos órgãos do Governo, proporcionando a atualização do acervo com as tendências contemporâneas. As obras incorporadas a partir de salões de arte são, por norma, selecionadas por comitês de profissionais, professores e críticos de arte, atuantes no cenário nacional.

DOWNLOAD DO CATÁLOGO



O streaming gratuito dos cinemas negros

A diversidade afrodiaspórica pelas lentes

de pessoas negras

<https://www.ubuplay.com/>

BATUQUE NA CAIXA: 25 ANOS

Conheça a história do projeto nacionalmente premiado e reconhecido



Livro a venda em formato impresso e ebook no Clube de autores, Amazon, Mercado Livre, Estante Virtual

Escaneie Abaixo:



Aldo Moraes

Autor vencedor do Prêmio Destaques Literários 2025, concedido pela Focus Brasil/Academia Internacional de Literatura Brasileira com sede em Nova Iorque

O livro batuque na caixa 25 anos retrata o reconhecido projeto, criado em Londrina/PR pelo Instituto Cultural Arte Brasil e que acumula prêmios nacionais por sua atuação cultural, social, educativa e ambiental e por exemplo de gestão e organização. Batuque na caixa já atendeu gratuitamente mais de 10 mil crianças e adolescentes; formou gerações de profissionais; seu grupo musical subiu ao palco com Alcione, Naná Vasconcelos, Palavra Cantada, Hermeto Paschoal e Olodum.

Atualmente os alunos de Londrina são atendidos com patrocínio da Política Nacional Aldir Blanc e as unidades espalhadas pelo Brasil tem patrocínio da Lei Rouanet, Ministério da Cultura, Governo Federal e J Macedo.

O projeto tem coordenação nacional de Aldo Moraes, autor do livro.

PATRIMÔNIO CULTURAL NA **LEI ROUANET**



Nova Instrução Normativa da Lei Rouanet simplifica a submissão de projetos de patrimônio cultural

**Atualização das regras facilita o
acesso ao mecanismo e reforça
o papel técnico do Iphan na
preservação dos bens culturais**

A publicação pelo Ministério da Cultura da nova Instrução Normativa (IN) nº 29 da Lei Rouanet representa um avanço significativo para a preservação do patrimônio cultural brasileiro. Resultado de um amplo processo de diálogo e escuta do setor cultural ao longo de 2025, a IN nº29 aproxima a política de incentivo da realidade concreta dos pequenos e médios produtores do segmento do patrimônio cultural, reconhecendo que preservar exige planejamento, flexibilidade técnica, leitura de campo e decisões qualificadas ao longo do processo.

Para o presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Leandro Grass, a nova redação do regramento moderniza procedimentos, simplifica exigências e amplia a previsibilidade quanto às etapas e prazos de análise. “Essas mudanças dialogam diretamente com a prática

cotidiana de quem atua na conservação, no restauro e na gestão de bens protegidos.”, analisa o presidente Grass.

Confira abaixo as principais novidades da IN nº 29

Incentivo direto à conservação de bens privados tombados

A regulamentação do artigo 24 da Lei Rouanet passa a permitir que pessoas físicas e jurídicas invistam, por meio de incentivo fiscal, na conservação e no restauro de seus próprios bens tombados. A medida estimula diretamente os proprietários de imóveis protegidos a realizarem intervenções qualificadas, ampliando a corresponsabilidade na proteção da memória e da identidade cultural brasileiras.

Menos documentos, mais foco na preservação

A normativa promove também uma ampla simplificação do Anexo II, que trata da documentação obrigatória para projetos culturais. No caso do patrimônio, houve consolidação de exigências, unificação de relatórios técnicos e eliminação de itens repetitivos ou excessivamente procedimentais.

A redução no número de documentos exigidos pode chegar a até 40% dependendo do segmento, no intuito de diminuir o risco de indeferimentos por falhas formais, reduzir retrabalho e tornar o processo mais ágil.

Um único projeto, do planejamento à execução da obra

Outra mudança importante é a possibilidade de apresentar uma única proposta cultural que reúna projeto e obra. Com o novo modelo, o proponente pode iniciar o pedido a partir de um anteprojeto ou projeto básico e detalhar, no mesmo processo, as etapas de elaboração do projeto executivo e de execução

da obra. A medida facilita a captação de recursos ao oferecer aos patrocinadores uma visão completa do que será realizado, do planejamento à entrega final.

Reforma simplificada para ações de baixo impacto

A nova Instrução Normativa também cria a possibilidade de apresentar processos de reforma simplificada para reparos, manutenções e intervenções de baixo impacto em bens protegidos, dispensando a exigência de projetos completos nesses casos. A mudança facilita ações rápidas de conservação preventiva, reduz custos e estimula a manutenção regular dos bens culturais, evitando a degradação causada pela ausência de pequenas intervenções ao longo do tempo.

Prazos reduzidos para análise

O prazo para a análise inicial dos projetos passa de 90 para até, no máximo, 60 dias, assim como o prazo para pedidos de readequação. Além disso, a simplificação documental e a organização dos fluxos contribuem para a redução de prazos indiretos, especialmente na fase de diligências e complementações. Com isso, os projetos de patrimônio cultural ganham maior celeridade.

Mais clareza nas exigências técnicas e no preenchimento dos projetos

A nova redação da Instrução Normativa torna mais claras as exigências documentais, indicando de forma objetiva quais documentos são necessários em cada tipo de projeto, em que etapa devem ser apresentados e onde cada informação deve ser preenchida no Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura (Salic). Essa organização reduz dúvidas, erros de preenchimento e retrabalho, oferecendo mais segurança aos proponentes e fortalecendo a atuação técnica dos órgãos envolvidos.

Exposição de Jonathan Campos no MON entra na reta final

“Instante do Olhar” reúne 50 imagens que refletem a trajetória de Jonathan no fotojornalismo e na fotografia documental. Os registros abrangem diferentes contextos, épocas e realidades, com o propósito de informar, documentar e preservar o tempo.

Publicação

06/02/2026 - 16:20

Editoria

Cultura



Foto: Felipe Henshel/AEN

A exposição do fotógrafo Jonathan Campos na Sala de Vidro do Museu Oscar Niemeyer (MON) entra na reta final. “Instante do Olhar” fica em cartaz até 23 de fevereiro. A entrada é gratuita, com acesso pelo vão-livre.

“Instante do Olhar” reúne 50 imagens que refletem a trajetória de Jonathan no fotojornalismo e na fotografia documental. Os registros abrangem diferentes contextos, épocas e realidades, com o propósito de informar, documentar e preservar o tempo.

As fotografias criadas por Jonathan são um exercício entre o seu olhar e a emoção. No texto da exposição, o fotógrafo explica. “Minha câmera não é só um pedaço de metal; ela é a extensão da minha alma. Sou um repórter fotográfico, e minha vida se resume a um único desejo: sentir o mundo para que eu possa guardá-lo. Não busco o glamour, mas o instante puro, aquele que, de tão sincero, me faz respirar fundo e me emociona a cada clique”, afirma.

Centro Cultural Teatro Guaíra abre inscrições para o 25º Festival Espetacular de Bonecos Rafael Codognoto é o novo residente artístico do Museu Casa Alfredo Andersen Jonathan Campos é repórter fotográfico. Iniciou sua trajetória como laboratorista e apoio a pautas jornalísticas em Curitiba, nos jornais O Estado do

Paraná e Tribuna do Paraná, e integrou a equipe fotográfica do Jornal Gazeta do Povo durante quase duas décadas. Viajou pelo Brasil e pelo mundo registrando acontecimentos e histórias, como Copas do Mundo e Olimpíadas.

Desde 2020, atua com fotografia institucional, documentando o cotidiano das ações do Governo do Estado do Paraná. Seu trabalho contribui para o registro oficial e a preservação da memória do povo paranaense.

A exposição “Instante do Olhar” tem patrocínio da Sanepar e apoio do Museu Oscar Niemeyer (MON).

Serviço:

“Instante do Olhar”

Período expositivo: de 27 de janeiro a 23 de fevereiro

De terça a domingo, das 10 horas às 18 horas

Local: Museu Oscar Niemeyer (MON), Sala de Vidro - R. Mal. Hermes, 999 - Centro Cívico - Curitiba

<https://www.parana.pr.gov.br/aen/Noticia/Exposicao-de-Jonathan-Campos-no-MON-entra-na-reta-final>

Terra: As artes visuais contra o efeito manada



Obra 'Moqueando peixe' (2020) de Carmezia Emiliano, na mostra do Masp 'Histórias da Ecologia'

Diante da campanha multimilionária “O agro é pop”, poderá a arte ser uma trincheira contra a desinformação? Mostra “Histórias da Ecologia”, no Masp, sugere que sim, despertando outras sensibilidades para a luta pela terra e pelo futuro do planeta

<https://outraspalavras.net/poeticas/terra-as-artes-visuais-contr-o-efeito-manada/>

Cada vez mais fica difícil avaliar a veracidade dos conteúdos, ou acompanhar minimamente o volume e a velocidade da circulação de mensagens. Essa desordem informacional equaliza múltiplas narrativas, seja fato ou mentira descarada, saturando a atenção e o discurso público. A factualidade vale menos que a adesão emocional, e diferentes verdades se contradizem e pulverizam.

No Brasil, a desordem informacional sobre o uso da terra, conceito que eu e Bruna Távora estamos desenvolvendo com foco no caso nacional,

envolve um complexo regime que sobrepõe dados fundiários precários e manipulados, grilagem historicamente legalizada em larga escala. Isso gera concentração, registros oficiais incompletos ou errados sobre a posse da terra, epistemicídio, discurso de ódio sobre movimentos socioterritoriais e povos tradicionais, lobby para flexibilizar licenciamento ambiental, entre outras questões estruturais. A boiada passa em defesa do desenvolvimento e geração de emprego.

Enquanto isso, o agronegócio tem a bancada mais forte do Congresso, e a mídia comercial enquadra o debate socioambiental a partir dos interesses do mercado. A campanha multimilionária “O agro é pop” é um dispositivo de legitimação emblemático, por ter construído uma narrativa positiva e homogênea do setor. Apagam-se controvérsias como o exílio da cientista Larissa Bombardi, que deixou o país sob ameaças de morte após demonstrar os danos dos agrotóxicos à saúde e a escala do uso no Brasil, o maior consumidor mundial. Problemas centrais para a realidade nacional acabam ofuscados pela desordem informacional.

Observar as novas gerações ajuda a entender aonde estamos indo. Em sala de aula, grande parte dos universitários demonstra pouca dedicação para estudar a fundo e com afinco. Falta tempo e foco, falta propósito — compreensível, considerando a precarização do trabalho e a desvalorização do ensino. Males que acometem a sociedade capitalista em geral, mas comprometem especialmente estudantes em formação e o engajamento amplo de cidadãos em regimes ditos democráticos, que deveriam ser participativos.

É aí que a arte entra e, quiçá, chacoalha a apatia.

A renomada fotógrafa de conservação Cristina Mittermeier fez a transição da carreira como bióloga marinha para a fotografia porque percebeu que a arte, especificamente as visuais, pode preencher melhor a lacuna entre as evidências científicas e a sensibilização pública. Mittermeier constatou que os dados científicos não bastam por si só para inspirar atitudes em prol da conservação, enquanto imagens poderosas podem comunicar assuntos ambientais complexos em uma linguagem mais universal, tocando as mentes de uma maneira que a ciência, desconectada da maioria das pessoas, não consegue. Para Letícia Cesarino, há uma crise nos sistemas peritos que organizavam a modernidade, a exemplo da ciência, da imprensa e dos partidos políticos.

Como mudar sistemas de longa duração, estando do lado da história com menos recursos? Como disputar essa hegemonia transnacional tricentenária? O cartaz de Minerva Cuevas na exposição Ecologia social, no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), avisa:

SE NÃO FIZERMOS O IMPOSSÍVEL TEREMOS QUE ENFRENTAR O IMPENSÁVEL

Do circuito institucional da arte, ainda que também conforme espaços cercados, ecoam brechas contra a lógica da mercadoria e do extrativismo.

A exposição Histórias da ecologia, inaugurada em setembro de 2025 e que vai até 2 de fevereiro, disputa a desordem informacional sobre o uso da terra ao promover regimes contra-hegemônicos de informação, comunicação e conhecimento ao longo de cinco andares com obras de 116 artistas,

majoritariamente do sul global. A inteligibilidade e amplitude do conflito territorial ganham novas condições sensoriais e de imaginação política, pelas quais a terra não seja reduzida a recurso, fronteira ou ativo a ser explorado.

Cabe à experiência da visita dar conta da profusão de linguagens e formatos — pinturas, desenhos, fotos, vídeos, instalações, esculturas, cartazes, têxteis, bordados, cerâmicas, colagens botânicas, documentos, cartografias, infografias. A seguir, buscamos apenas sintetizar três aspectos da exibição: o conceito de ecologia no título, mais relacional que o termo natureza, a forte presença do MST no primeiro núcleo da exposição, e um quadro no penúltimo núcleo mostrando a complexidade sistêmica.

Sobre o conceito de natureza, o indígena Ailton Krenak analisa que, quando as sociedades ocidentais reverenciam o mundo natural, isso se dá de forma vaga ou abstrata. Já a visão de mundo animista respeita a potência integral do ecossistema, onde cada ser vivo, humano ou não, e cada objeto inanimado tem essência vital. O respeito à natureza se manifesta nos entes locais: esta montanha que vejo carrega história, esta terra onde piso me alimenta, este ecossistema bem aqui, não qualquer outro mundo afora.

A curadoria de André Mesquita e Isabella Rjeille para o MASP responde a essa superficialidade, ou desancoramento, ao optar por “ecologia”, um conceito mais relacional. “Natureza” carrega a ideia de exterioridade, pois as sociedades ocidentais não se consideram parte. Desvelar dicotomias como natureza/cultura, humano/não humano, tão enraizadas no pensamento cartesiano, é o ponto de partida que contesta a fragmentação neoliberal e, por extensão, os modos da polarização social e da desinformação.

Entrando no primeiro núcleo, denominado Teias da Vida, há em destaque 11 cartazes do MST que defendem pautas históricas do movimento, como reforma agrária, soberania alimentar e os direitos dos povos do campo. É a autoria mais recorrente em toda a mostra, uma decisão curatorial que reconhece a cultura visual e a verve da luta popular concreta. Cartazes originalmente concebidos com função comunicativa, para circular e disputar sentidos no espaço público, foram alçados a peças museológicas localizadas já no início do percurso, contrapondo o valor de uso ao valor patrimonial.

Adoraria elaborar mais sobre outras obras, como a foto de Tuíre Kayapó, em uma audiência pública em 1989, ameaçando com facão o engenheiro da atual Usina de Belo Monte. Ou o curta Maré profunda, da franco-guineense Tabita Rezaire, uma denúncia ao colonialismo digital que desmonta a falácia da nuvem: as redes globais de comunicação não estão no ar, mas na terra e na água, em cabos submarinos que coincidem com as antigas rotas de tráfico escravagista.

Mesmo se incluíssemos todos os elementos da exposição, os sentidos da experiência são irredutíveis às legendas e categorias.

Dentre as centenas de obras sobre um assunto que abarca a vida, uma delas assume o desafio de tentar expressar visualmente a totalidade, demonstrando como debates desse tipo não se encerram. O quadro Gestão responsável da terra, do coletivo francês Bureau d'Études, cobre toda a altura da parede e vários metros de comprimento, uma enorme quantidade de informações (arte!) conectando esferas que existem separadamente só no senso comum. Conjuntos de centros decisórios, interligados por setas, expõem as relações entre agricultura capitalista com uso intensivo de produtos químicos, mercado de commodities, políticas de alimentos, políticas de defesa, políticas cognitivas das big techs, e até políticas da exosfera, com mineração espacial. As cosmologias animistas aparecem à margem, apesar de mestras da gestão responsável.

A própria forma de diagrama enuncia a necessidade de realizar uma leitura interdisciplinar e sistêmica. A terra, literalmente raiz e rede, ou seja, matéria e sistema, entrecruza conflitos sociais, regimes jurídicos, dispositivos institucionais, infraestruturas, mercados, e narrativas de legitimidade, uma ecologia de relações que ultrapassa recortes profissionais ou disciplinares estanques. Não sendo uma arte contemplativa pela estética, o quadro é uma ferramenta crítica de ativismo, oferecendo ao visitante com paciência para dissecá-lo uma ampliação da perspectiva sistêmica. A governança da terra está diretamente relacionada a objetivos sociais amplos, como soberania nacional, redução da pobreza, saúde pública e justiça climática.

O museu continua sendo um espaço de elite, marcado por barreiras de capital simbólico, o tempo disponível para lazer e deslocamento das periferias. No caso do MASP, a democratização do acesso se

dá por ações como programas públicos, eventos abertos e gratuidade para professores, pessoas com deficiência, crianças, grupos de instituições públicas e do terceiro setor. A “terça grátis”, oferecida por uma fintech, garante entrada gratuita para o público espontâneo, uma campanha inscrita no marketing cultural e veiculação da marca. O patrocínio do banco digital que se tornou a maior empresa do país em poucos anos pode entregar mais. A brecha, porém, em plena Avenida Paulista, importa porque uma instituição de prestígio produz legitimidade. Artistas e movimentos sociais do sul global podem alcançar públicos com capacidade de amplificação.

Não defendemos a instrumentalização da arte, tampouco alguma mágica difusão de conhecimento e de contracolonialidade, nos termos de Nêgo Bispo. As expressões criativas servem como ferramenta até certo ponto, pois orientam a atenção, reordenam afetos, fermentam linguagens, abrem os campos da experiência ontológica e cognitiva, reposicionando o que é comum ao humano na diversidade. Mas, na essência, a arte não tem função e antecede o valor de troca. A potencialidade da fruição artística depende de dispositivos de tradução, disputa, reuso coletivo e, principalmente, de políticas públicas e abordagens interdisciplinares, robustas o suficiente para abranger o escopo sistêmico e de longa duração da desordem informacional sobre o uso da terra.

Outras Palavras é feito por muitas mãos. Se você valoriza nossa produção, seja nosso apoiador e fortaleça o jornalismo crítico: apoia.se/outraspalavras



Como a 36ª Bienal de São Paulo evocou a beleza enquanto direito humano pelo viés do Sul Global



<https://www.nonada.com.br/2026/01/como-a-36a-bienal-de-sao-paulo-evocou-a-beleza-enquanto-direito-humano-pelo-vies-do-sul-global/>

Registro da obra A colheita de Dan, de Gê Viana, na 36ª Bienal de São Paulo. 15/09/2025 © Natt Fejfar / Fundação Bienal de São Paulo

Ao defender a beleza ante a dor, a edição da Bienal coordenada por Bonaventure Soh Bejeng Ndikung subverteu códigos das instituições artísticas

São Paulo (SP) — Faltava apenas um dia para o fim da 36ª edição da Bienal de São Paulo. Vestido com uma roupa azul royal, o curador geral da edição, pesquisador e intelectual camaronês Bonaventure Soh Bejeng Ndikung sentou ao lado do jornalista estadunidense Siddhartha Mitter para uma conversa sobre as formas de publicação no campo das artes visuais. Na ocasião, ele disse: “eu não sou ‘anti’ nada, porque ser ‘anti’ alguma coisa demanda muita energia.”

Em um pavilhão banhado de cor, tecido e forte caráter imersivo, a recém encerrada edição da Bienal, *Nem todo viandante anda estradas* – Da humanidade como prática, título inspirado no poema “Da calma e do silêncio” da escritora Conceição Evaristo, foi uma exposição que, de fato, não se afirmou a partir da posição anti.

Não veio para ser contrária, mas a favor de uma série de direitos e porvires para a humanidade: o direito ao bem-estar, à beleza, ao brilho transbordante, ao desbunde cromático, ao respiro, ao erro, ao desfrute prolongado e à abstração.

Estive na Bienal em um momento específico, talvez tão valioso quanto o seu começo: o fim. Uma parte de meu tempo no Pavilhão foi dedicado a, mais do que visitar à mostra, observar o movimento do público. Como seus corpos dialogaram com as obras e os 120 artistas? No caderno de notas, registrei uma série de acontecimentos infraordinários, que embora ínfimos, muito informam sobre a relação que o público estabeleceu com a 36ª Bienal:

“Pai, olha ali: Exu” — uma criança, na instalação do coletivo Vilanismo, irmandade de artistas negros formada no final de 2021 com o propósito de desafiar o sistema ocidental das artes visuais

“Essa seria uma obra lúdica para falar sobre violência sexual na escola” — uma professora, na obra de artista balinesa/indonésia, I Gusti Ayu Kadek Murniasih (Murni), em que pinta com cores vibrantes cenas de ameaça à integridade do corpo das mulheres

“O que é bordado?” — uma criança segurando uma câmera portátil, ao olhar os tapetes de grande dimensão da artista nigeriana Otobong Nkanga

Um casal de jovens movimentando o corpo para enxergar as nuances de uma pintura da pintora iraniana Behjat Sadr

Criança imitando a pose das esculturas em bronze de Nádia Taquary, ou seja, performando junto a obra as *Íyámis*, entidades femininas ancestrais. Nos diálogos com os visitantes, conheci também Hebert Kendy Zamor, montador da Bienal e de exposições de artes visuais em São Paulo. Em frente à obra de Myrlande Constant, ele conta que encontrar o trabalho de uma conterrânea, do Haiti, lhe conecta com a cultura e a espiritualidade de seu país, ao qual não retorna há mais de 6 anos, quando imigrou para o Brasil. Em uma das obras do corpo de trabalho de Constant, bordadas minuciosamente com lantejoulas e paetês, é possível reconhecer uma figura que se aproxima de São Jorge. O santo, sincretizado com o orixá Ogum, tão presente de norte a sul do Brasil, também está no Haiti. Ali senti: há um conjuro claro, um tecido espiritual que sustenta a humanidade apresentada pela 36ª Bienal.

A proposta conceitual, que contou com co-curadoria de Alya Sebti, Anna Roberta Goetz, Thiago de Paula Souza e Keyna Eleison, e curadoria adjunta de André Pitol e Leonardo Matsuhei também imputou reflexões no campo das artes. O que é conjugar a humanidade? É um exercício incômodo, e realmente reflexivo, no sentido estrito da palavra. Muito longe de olhar para o outro, essa foi uma exposição que olhou para o nós, e para nós — emaranhados, complexos, contraditórios. Conjugar verbos é dar possibilidades de existência. Quem conjuga, se implica. Quem conjuga, escolhe um tempo para flexionar.



Hebert Kendy Zamor, montador da Bienal e de exposições de artes visuais em São Paulo. Foto: Anna Ortega/Nonada

As escolhas curatoriais dos nomes brasileiros foram generosas ao conectarem gerações de artistas de diferentes territórios do país, que olham para questões contemporâneas pela ótica da beleza e não fazem arder a dor. De Gê Viana, com sua póstica pontiaguda e enraizada nas sonoridades dos paredões de som do Norte e Nordeste, a Gervane de Paula, com suas quatro décadas de prática, levando o Centro-Oeste para o centro do Pavilhão. A impressionante montagem do trabalho de Gervane mostrou animais do cerrado em um jogo erótico que revela um país que não sucumbe diante do autoritarismo. Nesta instalação, ouvi a exclamação de uma criança: que colorido! O mesmo ocorre no trabalho do artista Moisés Patrício, em uma obra pungente, intitulada Onde

nos alinhamos – caminhos de Mestre Didi

Outra palavra-chave para compreender o que essa edição Bienal pode nos ensinar, para além do fim, é o poder da invocação. Nem que tudo precisa ser assimilado imediatamente. Nesse sentido, acredito que os curadores convidaram o público a um outro modo de desfrute, que menos tem a ver com compreender com a mente, com as informações descritivas, e mais com um envolver-se, um involucrar-se, um gesto poroso entre tecidos e instalações imersivas. Ou como diz Conceição Evaristo, em Da calma e do silêncio, “quando eu morder a palavra/ por favor / não me apressem / quero mascar [...] quando meu olhar / se perder no nada, / por favor/ não me despertem”.





Registro de obras de Gervane de Paula na 36ª Bienal de São Paulo. 15/09/2025 © Natt Fejfar / Fundação Bienal de São Paulo

O direito ao desfrute

Uma conversa me marcou ao ouvir os comentários de visitantes estrangeiros que entravam no espaço expositivo. Eles comentavam de um encantamento, e certo assombro, pela gratuidade e facilidade de adentrar o Pavilhão. “Não pediram nome, passaporte, fiquei impressionada com isso”, comentou uma pessoa. Como diz Saramago, é preciso sair da ilha, para então enxergá-la. O fato de haver fácil entrada talvez nem mesmo me ocorresse, de tão naturalizada que é, mas é um lembrete importante para o exercício reflexivo de tudo que envolve um evento com uma Bienal.

Não é possível pensar em uma Bienal com seus papéis, sem destacar o fato de que é com o amplo público que ela está dialogando. Não é (só) para uma pequena bolha, não é (só) para o pequeno circuito da crítica, não é (só) para o campo das artes visuais. As portas abertas, em um parque público, nos lembram que uma Bienal dialoga com as pessoas, de todas as faixas etárias,

identidades, origens – embora, vale lembrar, o Pavilhão esteja localizado em uma região nobre de São Paulo. Pode soar como uma obviedade, mas sem lembrar disso, também ficamos fadados a demandar que a Bienal cumpra as expectativas de uma pequena parcela de pessoas. “Pescar” impressões me fez mergulhar.

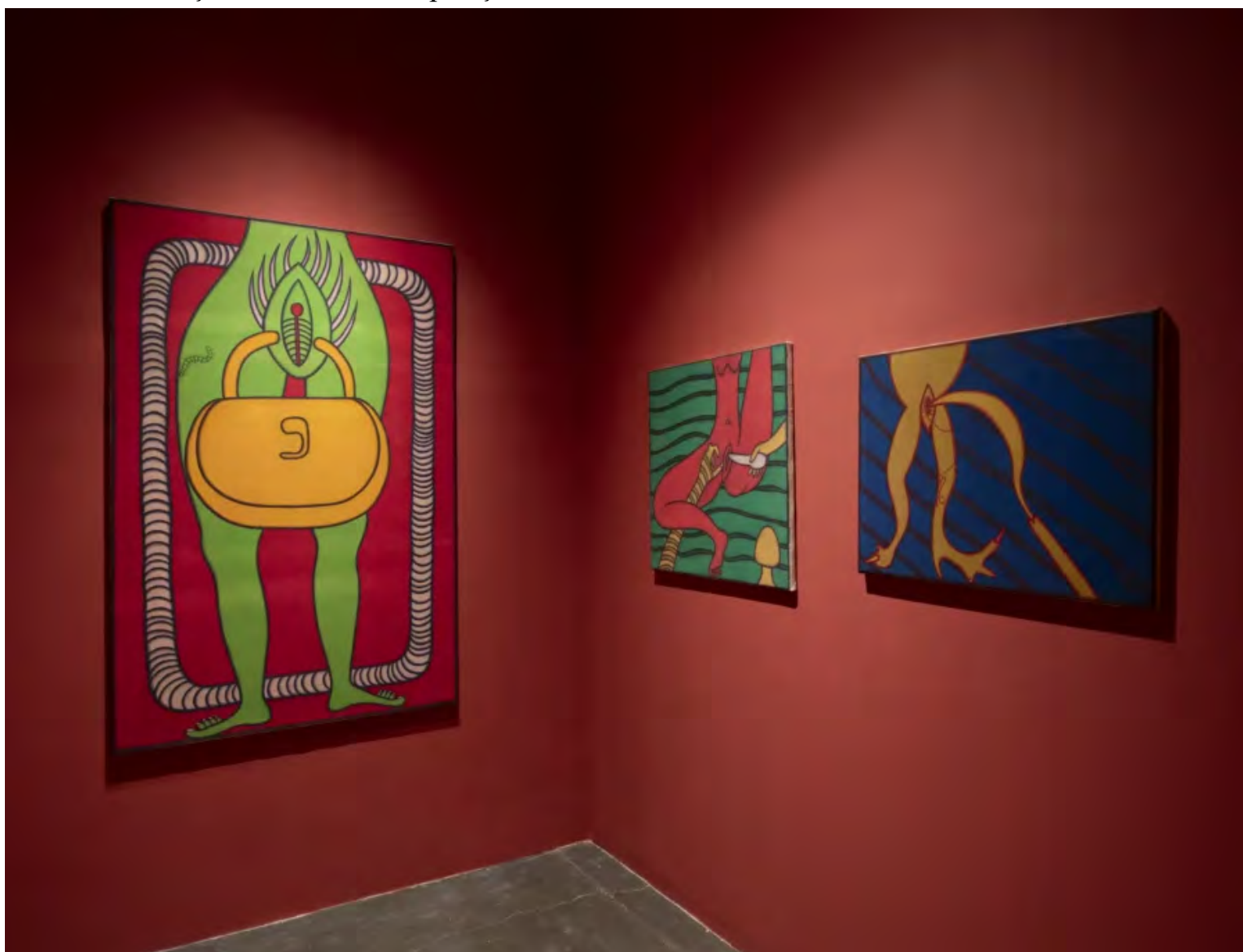
A equipe curatorial provocou os visitantes, mas também os agentes do sistema da arte — curadores, críticos, gestores e artistas — a buscarem formas de subversões que vão além das barreiras, interessadas na poesia e em uma recusa da violência como estratégia discursiva. A Bienal falou, sim, com sua contemporaneidade em guerra. Não parte de uma ingenuidade ou isenção sobre os temas do mundo, como a guerra, os fascismos, a crise migratória, a emergência climática. É o caso do trabalho do Forensic Architecture, coletivo interdisciplinar que denuncia o saque histórico europeu e o subsequente colapso ecológico. Ainda assim, a exposição convoca uma pergunta: “como fazer mais do que resistir?”

Na conversa com Siddhartha Mitter, o curador Bonaventure também comentou sobre as maneiras de atravessar um mundo adoecido, um questionamento que pode ser estendido ao próprio sistema da arte, um reproduzidor de muita colonialidade. “É como uma corrida. Você precisa de paciência. Não é como dar um sprint, mas é como correr uma longa distância.” A visão curatorial retoma a perspectiva de que, mesmo o tempo de contemplação da Bienal — de todas, pela grande escala, mas essa em específico — não era um tempo de feed, de rápida absorção. “Uma exposição não tem a responsabilidade de abordar o imediato. Nós devemos abrir caminho para um porvir”, destacou Bonaventure.

Ao conjugar a humanidade, a exposição desfez algumas certezas. Sabemos mesmo o que é humanidade? O que é um direito humano? Através do tempo expandido que convocou a partir da expografia, escolha de obras, proposta instalativa, seleção de artistas, a exposição

também ofereceu uma pergunta sobre a relação visitante-obra. Qual o tempo necessário para o olhar brilhar? Reconhecer isso não é isentar que houve problemas de sinalização e entraves de acessibilidade que precisam ser resolvidos para as próximas edições.

Estar lá, porém, me mobilizou a entender a falta de informação usual como uma desorientação criativa. Será que não é saudável uma dose de desorientação? No sentido de que, não saber, de forma rápida, a origem de um artista, me fez buscá-lo. Não entender claramente a autoria, me provocou a desligar um pouco a mente, e me envolver de uma outra maneira. É radical, sim, porque quebra uma corporalidade segura, codificada, do que é adentrar em um espaço de arte. Acredito que a equipe curatorial tenha apresentado uma Bienal que desconjugou o verbo entender, conjugando uma série de outras ações: desfrutar, dançar, mover, relaxar, descansar. O tom é outro.



Registro de obra de I Gusti Ayu Kadek Murniasih (Murni) na 36ª Bienal de São Paulo. 01/09/2025 © Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo

Assim, a conversa entre as obras e artistas permitiu muitos respiros, criou um lugar poroso onde muitas convergências poéticas aconteceram. O brilho foi um fio condutor entre artistas de diferentes países do continente africano. O tecido, de fato, tramou poéticas. Em todos os capítulos, não esqueci que o mundo está em guerra, mas pude lembrar que algo ainda reluz. O capítulo Intratável Beleza do Mundo evidenciou justamente isso.

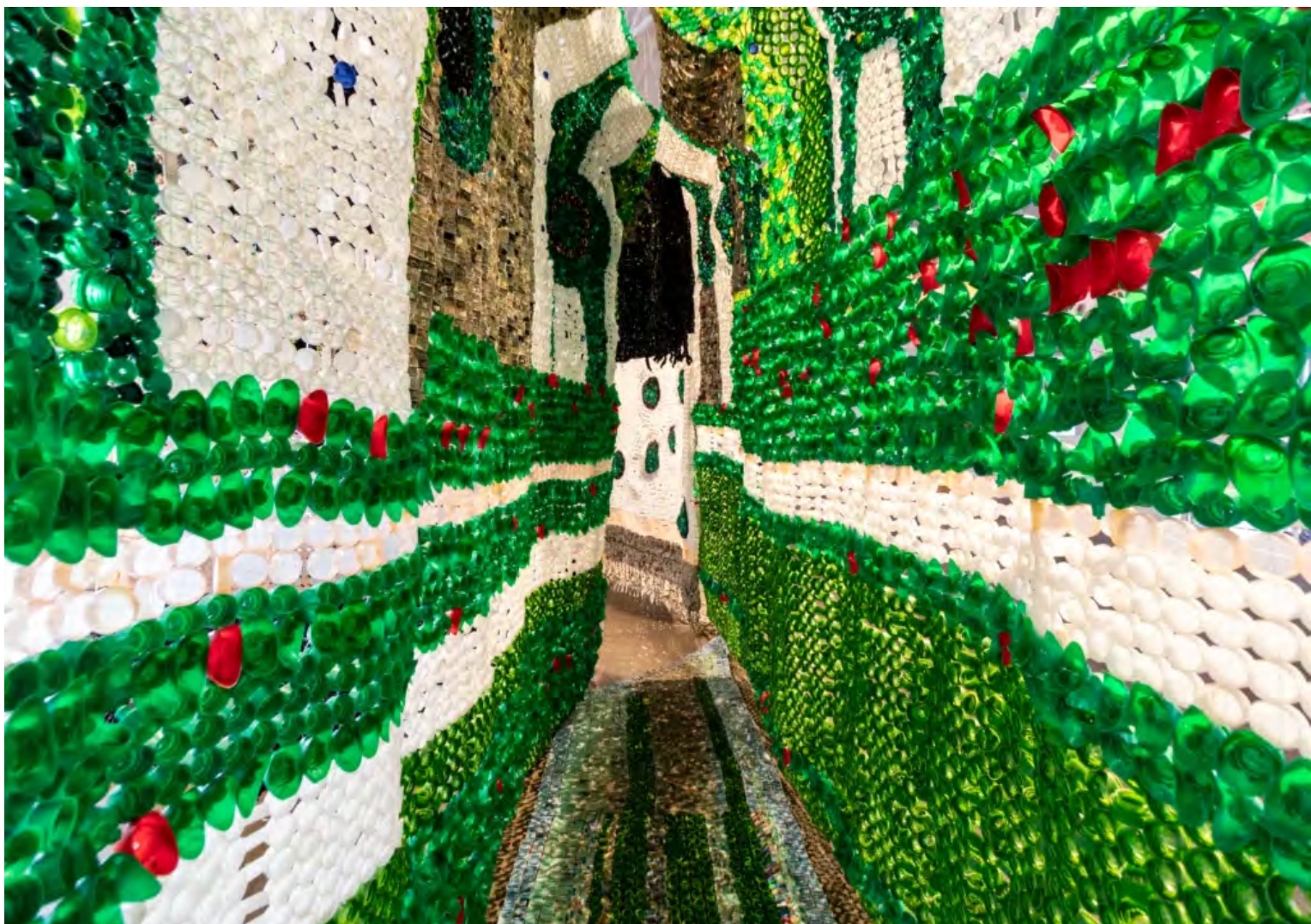
Uma humanidade fraturada pede por beleza, mesmo que não saiba disso de imediato. O trabalho curatorial enfatizou que a alegria e a beleza são poéticas e são políticas afirmativas. A obra de Suchitra Mattai, hindu-caribenha, foi um desses trabalhos que fazem despertar os olhos pela cor. O tramado formava um círculo — forma bastante presente na exposição — em que o público poderia entrar e dentro visualizar ondas do mar.

Estruturas participativas, em que é preciso entrar para ver, também são, de algum modo educativas, ao, novamente, fazerem um convite de imersão.

Um dos destaques dos nomes brasileiros da mostra foi a presença do Sertão Negro, espaço que nos convida a sentar e conhecer mais do trabalho do coletivo criado por Ceíça Ferreira e Dalton Paula. Uma série de objetos relacionados à história do coletivo artístico de Goiânia compunham a obra, como fotos, receitas e objetos sagrados. Nesse ponto, anotei em meu caderno a fala de uma visitante ao deparar-se com o trabalho do Sertão Negro: “a foto que encontrei da mãe do avô era tipo assim”. Nos três andares do Pavilhão, tapetes da artista nigeriana Otobong Nkanga chamavam atenção.

Referências compartilhadas

A subversão apresentada na Bienal é poética e, ao mesmo tempo, material, translinguística. Uma série de obras compartilhou leituras com o público, o que pode sugerir uma convergência de poéticas. O artista Hamedine Kane, nascido na Mauritânia, construiu uma instalação ancorada em um extenso barco de madeira em que livros de autores do pensamento afro-diaspórico se encontravam no mesmo lugar, na mesma travessia. Nego Bispo encontrava Alice Walker. Cidinha da Silva encontrava Rodney Saint Éloi Yara El Ghaban.



Muitos escritores da mesa podem ser reconhecidos como “afropeus”, pessoas de identidade fronteiriça, que buscam construir pontes entre mundos que torcem, ainda hoje, a “linha da cor”. Nessa instalação, o artista selecionou um poema que muito pode nos fazer refletir sobre a intelectualidade:

Você diz que é intelectual?
Você diz que é intelectual...
Você diz que luta por mudanças no país
Você diz que é tem determinação
A cada oportunidade você afia sua língua
Até que corte como uma espada

No trabalho do coletivo Vilanismo, também era possível encontrar leituras que apontavam para fora dali. A presença do livro, enquanto materialidade, me fez pensar que a Bienal lançava perguntas, inclusive com ferramentas e modos de seguir ecoando um pensamento semeado na exposição. Um mesmo livro se presentificava no trabalho de Kane e do Vilanismo: A Dívida Impagável, de Denise Ferreira da Silva. Além de apontar referências de pensamento afro-diaspórico, a 36ª Bienal, a partir da expografia, mostrou como um artista contagia o outro,

como estão tramando juntos um mundo com referências compartilhadas.

O material importa

Uma recorrência entre os artistas: a imagem do ovo. Lá estava ele no trabalho de Gervane de Paula, do Brasil; de Michele Ciacciofera, da Itália; de Adjani Okpu-Egbe, de Camarões. Com essa observação, passei a pensar em tudo o que o ovo evoca. Ele ainda é, mas está para ser. Ele é o potencial de ruptura, mas não a ruptura em si. Ele é a potência, mas também uma materialidade própria, sem necessidade de maiores desdobramentos. Ele é prisão, mas também nascimento. Ele é confinamento, mas também possibilidade. O ovo é mistério, se você souber se aproximar.

Outra recorrência do percursivo expositivo foi o brilho — artificial, natural, sintético. A origem variada do brilho foi um destaque, para mim, da Bienal. Em trabalhos como de Madame Zo, de Madagascar, a tecelagem se inspirava em técnicas e padrões tradicionais malgaxes. As obras evocavam uma força política devido à sua capacidade de elaborar questões sobre temas ambientais e sociopolíticos.



Coletivo Vilanismo durante a montagem da 36ª Bienal de São Paulo. © Fe Avila / Fundação Bienal de São Paulo

Foi possível também notar uma ausência do rosto humano. Uma ênfase na abstração para se falar de humanidade, o que pode remeter ao que a curadora e pesquisadora Diane Lima diz sobre a tomada da abstração como uma estratégia de expressão como uma resposta à crise das políticas de representação e de um exercício de liberação cognitiva.

Ou seja, a Bienal conjugou a humanidade sem evocar de forma demasiada o pictórico, o que pode nos convidar a outras reflexões sobre identidade, em que de fato nos fazem olhar mais por uma via de semelhanças, sem que isso implique subtrair a subjetividade — muito pelo contrário.

A falta do corpo nas obras se presentifica. Enquanto, por outro lado, o público acionava seus corpos em presença. É o caso da instalação de Myriam Omar Awadi, em que microfones sem pessoas parecem esperar a chegada dos músicos. Das pinturas de Cynthia Hawkin. Da obra de Maxwell Alexandre, em que uma moldura vazia repousa sobre papel pardo, colocando a humanidade em questão, como prática. Ou então, a abstração do escritor e poeta Frankétienne que evoca um borrado colorido, um rosto-

máscara que guarda mistérios ancestrais.

Uma instalação feita de objetos cotidianos descartados vale também destaque. O túnel de tampas de garrafa PET, escovas de dente, teclas de computador, elaborado pelo artista do Zimbábue, Moffat Takadiwa, proporcionou um mergulho em que o material opera como trampolim para dentro de diversas questões importantes. Além disso, o artista proporcionou uma interação divertida ao público.

Ouvir uma pintura é um gesto de encontro poderoso. Foi o que aconteceu com a instalação de Werewere Liking, pintora e intérprete teatral de Camarões, em que fones de ouvidos estavam conectados aos quadros pintados. Testemunhei diversos visitantes dançando afrobeats enquanto observavam as pinturas — um gesto subversivo, porque propõe uma outra abordagem do corpo em relação à arte. Pintar e dançar podem convergir? O corpo que observa precisa estar verticalizado, endurecido, tenso e silencioso? Trabalhos como esses nos oferecem alternativas de relação. O conceito da mostra deu ênfase à escuta como base estruturante de um novo pensamento sobre a humanidade.



Registro de obra de Otobong Nkanga e Hamedine Kane na 36ª Bienal de São Paulo. 01/09/2025 © Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo

Desejo de ser feliz

O ensaísta haitiano René Depestre fala de uma liberdade associada à felicidade. Ele diz, em uma “Consciência em flor para outros”: Meu desejo de ser feliz/ se deixasse por um instante de contar com o seu / imediatamente se transformaria em pó. A defesa da beleza me remete a uma série de exposições e artistas que também pisam no terreno de subversão pela luz.

Em 2023, os curadores Fabiana Moraes e Moacir dos Anjos apresentaram, na Pinacoteca do Ceará, em Fortaleza, a mostra Negros na Piscina. A mostra teve como proposta imaginar um Brasil que ainda não existe na concretude das vivências cotidianas, já que atravessado por opressões de raça, classe, gênero, sexualidade, entre outros, que se entrelaçam e reproduzem uma estrutura que ceifa a vida da população negra, indígena e da comunidade LGBTQIA+. A exposição marcou-se por reunir artistas que se rebelam contra esta paisagem e propõem um convite para a perspectiva além das dores e do sofrimento.

Outro trabalho que toca em um chão semelhante é Relaxamento Afro, da gaúcha Silvana Rodrigues. Na obra de arte performática e visual ela ressignifica o termo, transformando um processo capilar agressivo em um ato de cuidado, pausa e pertencimento para pessoas negras,

criando um espaço de afeto, memória e descanso através de lambes, fotos e intervenções coletivas, explorando a identidade racial através do corpo e do cabelo.

De volta à Bienal, esse “sim” à vida encontra eco na proposta de Dénètem Touam Bona, de pai centro-africano e mãe francesa, autor de Cosmopoéticas do refúgio. Ele fala em “resistências furtivas, nada frontais”, resistências que acontecem em “modo menor”, ou seja, que entendem a experiência poética enquanto modo de “apreensão do mundo como totalidade viva.” Bona defende uma reabilitação do sonho, da poesia, elementos que muito foram conjurados na 36ª Bienal de São Paulo.

A exposição também deslocou ao primeiro plano a questão das fronteiras. Dénètem Touam Bona propõe um pensamento de fuga e refúgio que abarca todos os viventes, não só os humanos. Em diálogo, a Bienal mostrou que não há pensamento possível sem contemplar outros seres e outras camadas, para além do mundo físico. Na mesma tessitura, opera o martinicano Édouard Glissant, na defesa da errância como elemento humanizador. Ou mesmo Lélia Gonzalez, que ao introduzir amefricanidade, crítica às estruturas raciais presentes até então e dialoga com modos de existência negros além da opressão, focando na vida e na potência negra.



Registro da obra The Nest of the Eternal Present [O ninho do eterno presente] (2025), de Michele Ciaccofera, na 36ª Bienal de São Paulo. 02/10/2025 © Natt Fejfar / Fundação Bienal de São Paulo

Tempo curvo continua

“Nós não estamos fazendo nada de novo”, disse Bonaventure. O diálogo com edições anteriores da Bienal é interessante, porque nos mostra uma continuidade de discussões formais, estéticas e até mesmo conceituais. Se em 2023, *Coreografias do impossível* foi um grande marco ao estabelecer que 90% dos artistas fossem pessoas não-brancas, aqui também há a mesma preocupação. Entendo que a 35ª edição também abriu caminhos para que a edição de 2025 pudesse deslocar o olhar do público para outro lugar, inclusive dando sequência ao tempo espiralar, conceito de Leda Maria Martins, aprofundado na Bienal passada.

Houve também uma continuidade na defesa de uma recusa da necessidade de diferenciar os artistas pelos Estados-nações, uma vez que a curadoria entende a fronteira como um conceito fadado, colonizado. Além disso, também estabeleceu relação com a 27ª Bienal de São Paulo, de 2006, curada por Lisette Lagnado e a segunda Bienal da história, em 1953, conhecida como Bienal da Guernica, que tratava de urgências semelhantes e abordava a guerra vigente.

Bonaventure enfatizou que a publicação de uma Bienal não é apenas o catálogo, livro e registro da mostra. “O corpo pode ser uma publicação de arte, uma maneira de tornar uma exposição pública”, destacou. Se assim é, o último momento que vivi no Pavilhão Ciccillo Matarazzo deve ser registrado.

Às 18h, de um domingo, a edição da 36ª Bienal chegou ao fim. Apitos soaram e as equipes de mediação orientaram o público a deixar o espaço. Começa, então, um uníssono aplauso. Enquanto pessoas de todas as idades descem a marcante rampa branca do Pavilhão, os assovios altos inundam o lugar. Se as artes visuais, as galerias, os museus, demandam historicamente o código do corpo comportado e silencioso, ali se testemunhava, por outra via, uma Bienal do Barulho. Quando o público vibra, lembra também de que o fim (encerramento ou razão) de uma Bienal é mesmo o que move em nós, humanos. Em mim, arrepio.

Anna Ortega

Coordenadora de jornalismo do Nonada, é também artista visual. Tem especial interesse na escuta e escrita de processos artísticos, da cultura popular e da defesa dos direitos humanos.



Equipe conceitual da 36ª Bienal de São Paulo, da esq. para a dir.: Keyna Eleison, Alya Sebti, Bonaventure Soh Bejeng Ndikung, Henriette Gallus, Anna Roberta Goetz e Thiago de Paula Souza © João Medeiros / Fundação Bienal de São Paulo



Obra: Menina dos Olhos
Medida: 20 x 40

Carla Faria



"Transformo cores, culturas e emoções
em arte vibrante e cheia de significado."

Multi Artista

"Minha arte é o reflexo colorido
da moça preta periférica que
insiste em florescer."

CARLA FARIA - MULTI ARTISTA

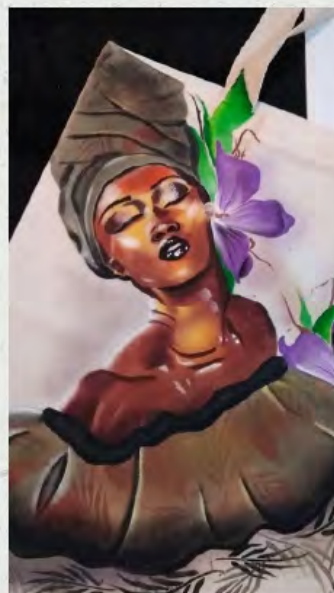
PINTURA EM TELA



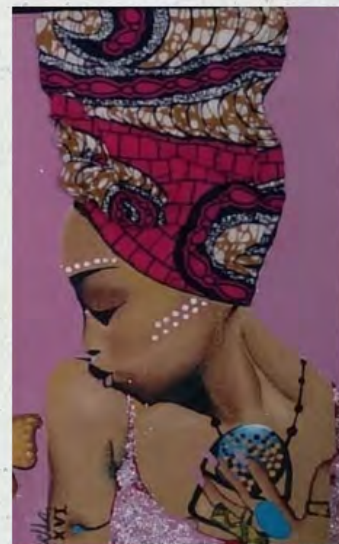
Obra: Conexão
Medida: 30x40
Ano: 2021



Obra: Empoderada
Medida: 30x40
Ano: 2021



Obra: Flor da Coragem
Medida: 30x40
Ano: 2021

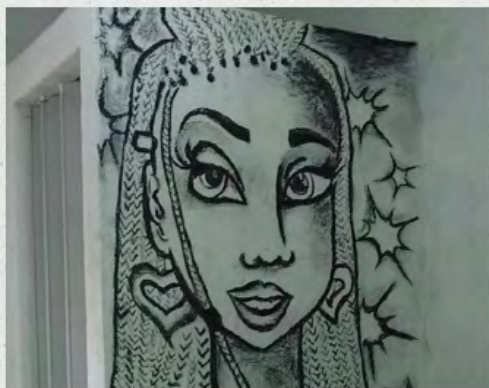


Obra: Coroa Ancestral
Medida: 30x40 Ano:
2016

Projeto: Cores do Brasil

Pintura em tela de Igodao cru feito com tinta acrílica e aplicações de tecidos africanos. Muito brilho, cor, representatividade e saberes ancestrais. Telas conceituais. Fundadora @malawimodas

PINTURA EM PAREDE



Carvão



Giz de Cera

Projeto: Ocupa Arte

Realizado em espaços de mulheres pretas periféricas com permite o empoderamento recursos acessíveis permite grafite em espaços interno para fortalecimento da cultura hip hop.

"A arte é o novo grito visual do mundo, mas para quem nasceu criando, ela sempre foi a minha voz".

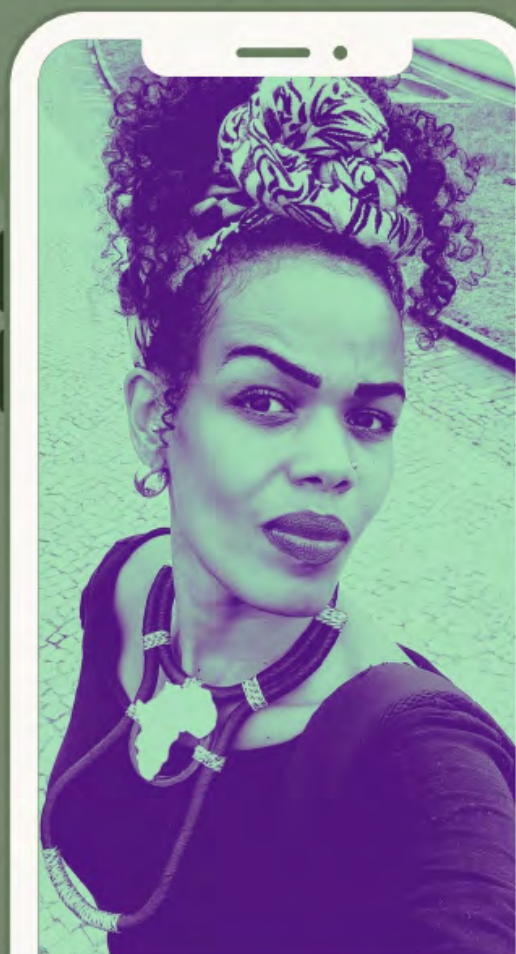
CARLA SANTOS - MULTI ARTISTA

CONTATO

@escarlarte_atelie
(11) 96200-7917

Oficinas, Exposições e Projetos
Artísticos.

TABELA DE PREÇOS CONFORME AS ESPECIFICAÇÕES DO PROJETO





Fábio Ferreira



 **podechefe**
INSCREVA-SE

www.youtube.com/@podechefe

O Pode Chefe? Podcast é focado em ouvir histórias inspiradoras em cada episódio onde Aurélio Pereira e Ronilson Rony recebem convidados que são referências em suas áreas de atuação, explorando suas trajetórias profissionais, seus desafios e suas estratégias para alcançar e transpor os desafios do dia a dia. O podcast aborda diversos temas relacionados a cultura, arte, empreendedorismo e negócios, como liderança, marketing, finanças, inovação, gestão de pessoas e muito mais. Pode Chefe? Podcast está disponível em plataformas de streaming de áudio e vídeo, como Spotify, YouTube, Apple Podcasts e nas redes sociais, e é uma ótima fonte de informação e inspiração para quem deseja empreender ou aprimorar suas habilidades. Permita-se!



DISQUE 100 RACISMO

RACISMO É CRIME! DENUNCIE!

**AGORA O DISQUE 100 TAMBÉM RECEBE
DENÚNCIAS DE RACISMO. SE VOCÊ FOI
VÍTIMA OU PRESENCIOU UM CRIME DE
RACISMO, DISQUE 100 E DENUNCIE!**

LEI Nº 6.496, DE 21 DE MARÇO DE 2019.



Divulgação/Paulão

Paulo Cesar Troiano, vulgo Paulão Rock n Roll, produtor cultural e apresentador.

Idealizou o projeto Azylo Hotel, com eventos e programas na TV e no rádio. Atualmente o projeto conta com três programas na UEL FM, Zappa N UEL, Azylo XXTREMUS e Blues Hotel.

Radialista/produtor do Programa Azylo Hotel nas rádios: Rádio FM Cidade 102.9(Cambé); Rádio Paiquere FM(Londrina);Rádio Antena 1 (Londrina); Rádio Aquarius Fm (Arapongas); Rádio 104.5 (Cornélio); Rádio Cidade FM(Londrina); Rádio UEL (Londrina); Alma Londrina Rádio Web;

Apresentador dos programas: Azylo Vídeo Hotel na TV Tibagi de Apucarana; Azylo Resort no Canal 20; TV Metrópoles na TV Tibagi;
Autor do Projeto radiofônico e televisivo “Azylo Hotel “ desde 1982/atual;

Produção/Apresentação dos shows de rock no “Dia Mundial do Rock” na Concha Acústica de Londrina, edições: 2013 à 2019;

Autor do Projeto com certificado da Universidade Estadual de Londrina “Papo de Rock” com palestras educativas sobre a

história do Blues nas Escolas Estaduais de Londrina nos anos 2003 à 2005;

Produtor/Apresentador do Projeto “Azylo Hotel Live” gravado no Bar Valentino, transmitido nos canais Azylo Hotel e Rock Pé Vermelho em 2020;

Sábado às 20h
Reprise quarta-feira às 23h

Blues Hotel é um programa focado nas influências do Blues na música rock dos anos 70, o programa tem como objetivo educar e entreter os ouvintes, revelando as conexões entre esses gêneros. A proposta é mostrar que Blues está presente onde menos se espera, enriquecendo a música das bandas favoritas dos ouvintes. Voltado para fãs de rock clássico e curiosos por história musical, “Blues Hotel” estreou em setembro, prometendo uma jornada sonora única e reveladora.

Contato

Rua Fernando de Noronha, 433
Londrina-Paraná
(43)9 8818-2604

projetoazylohotel@gmail.com

<https://www.instagram.com/azylohotel> <https://www.facebook.com/PauloCesarTroiano> Canal Azylo Hotel (YouTube)



HERÁCLITO
CAI NO SURF

NINGUEM SURFA
DUAS VEZES A
MESMA ONDA!



ADÃO

"FANTASIA" NOTA: 10



TROFÉU CARNAVAL 2026



GIMAR.



GRAMMY 2026





SE PERDER
A PATENTE,
AINDA DÁ PRA USAR
O UNIFORME
NO CARNAVAL.

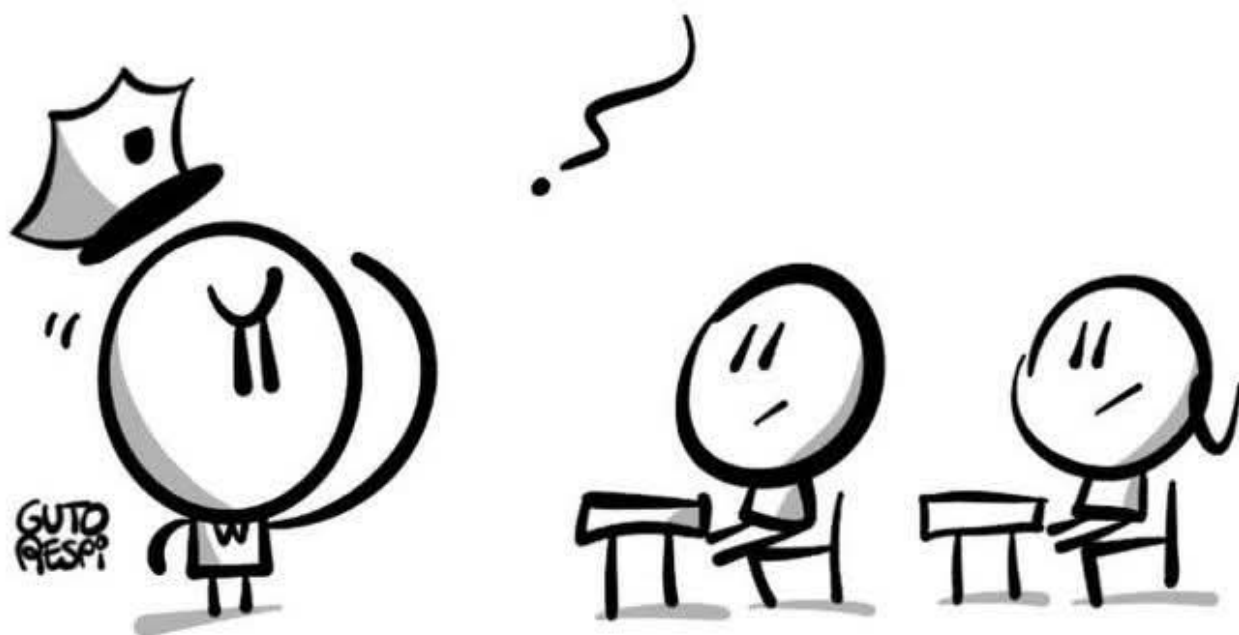


Escola Cívica Militar

...E A GENTE AINDA
PODE ENSINAR A
PINTAR MEIO-FIO
TRONCO DE ÁRVORE



ÇENTIDO!



D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



AVALIE
NOSSO
PROJETO



CADERNO
DE LITERATURA
#38

Livro resgata Teatro Experimental do Negro



<https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2026-01/livro-resgata-teatro-experimental-do-negro>

Está nas livrarias a obra “Teatro Experimental do Negro: testemunhos e ressonâncias”, organizada originalmente por Abdias Nascimento (1966) e agora recuperada e ampliada pela socióloga Elisa Larkin Nascimento e pelo gestor cultural Jessé Oliveira.

Abdias Nascimento (1914-2011) foi artista plástico, ativista, ator, deputado federal, dramaturgo, economista, escritor, poeta, professor universitário e senador. Em todos os papéis, defendeu a liberdade e o comprometimento com a transformação social.

O livro foi lançado na última primavera (novembro), marcando 80 anos de fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN), para ensaios em outubro de 1944. A publicação é da Edições Sesc, em parceria com a Editora Perspectiva (328 páginas).

A edição traz textos do dramaturgo Nelson Rodrigues, do poeta Efraim Tomás Bó, dos cientistas sociais Guerreiro Ramos, Florestan Fernandes, entre outros. O livro apresenta o ensaio fotográfico de José Medeiros com imagens em preto e branco do elenco do TEN.

Protagonismo

Criado há menos de 60 anos após a abolição da escravidão, o TEN tinha como propósito valorizar a herança cultural afro-brasileira, destacar histórias e dar protagonismo a autores e atores negros. Entre 1945 e 1958, o TEN encenou mais de 20 espetáculos,

com peças brasileiras e estrangeiras, e revelou nomes como Léa Garcia e Ruth de Souza.

“Quem definia os temas [das peças], os textos [a serem encenados] e quem definia o rumo das atuações essa eram as pessoas negras”, assinala Jessé Oliveira. “O Teatro Experimental do Negro é um divisor de águas. Amplia o local de debate das questões raciais e estabelece profissionalismo em uma companhia teatral negra.”

Na avaliação Elisa Larkin Nascimento, o TEN “faz a ponte entre o teatro moderno e contemporâneo no Brasil” e apresenta uma versão da sociedade brasileira diferente do discurso oficial e de parte da intelectualidade (geração do sociólogo Gilberto Freyre) de que o país seria uma “democracia racial”.

A nova edição do livro tem o objetivo da publicação original, de “fazer um registro mais estável” e contribuir para evitar o apagamento da história do TEN.

“Nas escolas de teatro, sempre vêm me dizer que não conhecem o Teatro Experimental do Negro. Inclusive os jovens que estão cursando teatro e estudam a história do teatro brasileiro”, lamenta Elisa Larkin Nascimento.

A obra mostra como as concepções de Abdias seguem ressoando em práticas cênicas e coletivos atuais, mantendo vivo o ideal de um teatro antirracista.

Sua obra reflete uma visão única e sensível, tecendo poesia e prosa que convidam o leitor a mergulhar em questões existenciais e universais. Seu romance policial, que traz à tona mistérios e enigmas de maneira envolvente, instiga o leitor do começo ao fim. A obra combina narrativa instigante com uma construção cuidadosa de personagens e trama, mantendo a tensão e o suspense a cada página. Gugu Marçal se afirma como um autor de múltiplos talentos, capaz de encantar seus leitores. Mais do que uma simples história de crime, o autor oferece ao público uma experiência literária que desperta reflexões profundas sobre o bem, o mal e os limites da razão sempre com uma linguagem precisa e uma atmosfera envolvente.

Na pacata e aparentemente esquecida cidade de Cantaluz, onde o tempo parece caminhar devagar e os moradores vivem uma rotina tranquila, um corpo é encontrado em meio aos túmulos do antigo cemitério — nu, cercado por velas pretas e vermelhas, marcado por símbolos enigmáticos. A descoberta feita por Jeffrey, um viúvo solitário e respeitado tabelião da cidade, mergulha a comunidade em um turbilhão de medo, desconfiança e lendas ancestrais.

Enquanto os investigadores tentam decifrar os sinais deixados no cadáver, suspeitas recaem sobre uma seita extinta há mais de um século — Os Velados — cujos rituais sombrios e histórias macabras ainda assombram o imaginário popular. Mas logo fica claro que o crime pode ter sido forjado com conhecimento profundo dos mitos locais, como uma cortina de fumaça para esconder a verdadeira motivação por trás do assassinato.

Entre depoimentos desconcertantes, necropsias reveladoras e mistérios que se aprofundam, a cidade de Cantaluz é forçada a revisitar segredos há muito enterrados. Será possível que o mal nunca tenha partido dali? Ou alguém está manipulando o passado para encobrir um crime moderno e calculado?

"Mistério entre os túmulos de Cantaluz" é um suspense envolvente que mistura o real e o místico, conduzindo o leitor por um labirinto de símbolos, segredos e reviravoltas inquietantes.

siebra
COMUNICAÇÃO



GUGU MARÇAL - MISTÉRIO ENTRE OS TÚMULOS DE CANTALUZ

GUGU MARÇAL

MISTÉRIO ENTRE OS TÚMULOS DE CANTALUZ

siebra
COMUNICAÇÃO



Gugu Marçal, pseudônimo de João Henrique Ribeiro Marçal, é poeta, escritor e pesquisador. Formado em Teologia com especialização em Bioética, ele dedica sua vida ao estudo de temas profundos e instigantes, como história, religião e filosofia. Com mais de 30 anos de atuação no serviço público, Gugu Marçal alia sua experiência de vida à paixão pela escrita, explorando as complexidades do ser humano e do mundo ao seu redor.

João Henrique Ribeiro Marçal, conhecido pelo pseudônimo GUGU MARÇAL, é poeta e escritor natural de Londrina (PR). Atua na literatura de suspense policial, explorando narrativas marcadas por mistério, tensão psicológica e reviravoltas que desafiam o leitor até as últimas páginas.

É autor do livro Mistério entre os Túmulos de Cantaluz, obra publicada em formato físico e atualmente disponível para venda. O romance apresenta uma trama intrigante, conduzida por uma construção cuidadosa de suspense e um plot twist marcante, consolidando o autor como uma voz promissória dentro do gênero policial contemporâneo.



André Camargo Lopes





EM UM MUNDO EM QUE A
NORMALIDADE É BRANCA.
A DOCILIDADE DA ALMA
ESTÁ NO ASPECTO ALVO
DA PELE.
O NEGRO, É VIOLENTO
POR TEIMAR EM EXISTIR.

RESISTIR

VIOLÊNCIA

26 de junho de 2025

Existe algo abaixo do humano
De odor forte
De cores apagadas
De pele dura e encardida
Existe algo que vive em nossas sobras
Que sobra
Nos cantos escuros e abandonados
Existe algo que não existe
Que vive junto aos ratos
Aos porcos
Cavalos e sapos
De tão próximos já não se distinguem
mais
Existe algo que é alguma coisa
Amorfa
Orgânica
Evacua, faz sexo e bebe
Bebe e como bebe
Pois não é humano
Bebe para esquecer
Bebe para espantar a fome
Bebe para esquecer que nasceu
Pois, um dia foi amaldiçoado em existir
Mas, fique em paz
Não o vemos por onde andamos
As vezes, tropeçamos
E como ratos
Se escondem
No lixo
Humanos não vivem no lixo
Humanos não comem do lixo
São apenas algo

André Camargo Lopes

VALSA NEGRA

(dedicado a minha mãe Maria Helena de Oliveira Moraes)

Canto esta valsa negra
Que dedicado aos dias mais belos de minha mãe.
Aos negros na senzala do século passado.
E ao amor de Menininha do Gantois aos seus tantos filhos...
Ouço uma valsa negra
Na paz à beira de um rio que passa acostado a uma pequena cidade no interior do Brasil.
No balanço dos barcos com seus pescadores e suas toadas tristes.
E um velho poeta negro, riquezas em sua poesia de núcleos metafísicos...
Escrevo uma valsa negra
Aos filhos da África que nunca mais voltaram.
Aos seus desenhos de dor e de tristeza no fundo do mar.
Aos seus santos, descobertos e libertos, não afago do tempo que o homem não ousa tocar...
Há uma valsa negra
Que é triste como a lua...
Uma valsa negra
Alegre como o amor que vai além...
Uma valsa negra
Dolorida como o choro do banzo...
Há uma valsa negra
Feliz como a...!
De um lado, o sol
E a neutra paz da lua
Que se aparenta ao longo
E o dia é mais que uma memória.
De um lado, sou música
E a alma lúcida que canta
Num fogo de artifício e típico
Em tristeza que é adeus e reencontro.

Aldo Moraes

AMO

Amo tua voz
Teus olhos tão argentinóis
Gosto de tua pele
Amo tua fúria espanhola
Mesmo tão delicada
Gosto de seu sotaque de Córdoba
Amo teu corpo de bailarina
Gosto como declama teus poemas
Você foi fabricada pra mim
Amo o desenho de teus lábios
Gosto do seu sorriso tão bonito
Amo tua inocência
Gostaria de invadir tua alma
Como os espanhóis invadiram a América
Amo como me olhas
E sei que você me observa agora
Te vejo sempre tão sozinha
Que gostaria de ser
Parte de ti
Tenho pavor dos dias
Que não te vejo
Que não vejo seu olhar
É como passar o dia inteiro
Em coma
É ruim quando
Não te vejo
São como os dias sem Sol
E um eclipse não me bastaria
Preciso de ti para ser completo
Você poderia até mentir pra mim
E ainda eu não mentiria pra você
Que gostaria de passar o resto
Da minha vida contemplando tua beleza
E os beijos em sua boca que sempre quis
Matar minha fúria com tua saliva
Fazer de teu corpo,
Minha morada e a alegria de nossos dias.

Vagner Xavier



POESIAS CIRCULARES

A vida passando na tela

Qual a sua realidade?
Qual a sua ficção?

Dia a dia
Frame a frame

Contando a vida
Vai-se o tempo
E eu? Eu, um roteiro

Entre a tragédia, a comédia e a
memória... semeio histórias

Wilson inacio

MANTRA / TITAL-INVOCACÃO

OPERA MUNDI: NÃO ADORMEÇA ANTES SA NOITE CHEGAR!!!



Arte digital gerado por inteligência artificial.
Direção de arte, arte final e redação: Poeta e contista —
— Itajití, Santa Catarina

Opera mundi

**Opera mundi: Não
adormeça antes da
noite chegar!!!**

“Se pensam que me afligem com palavras etéreas,

Pequenos escritos que o vento leva, estão enganados.

Minha ancestralidade desconhece essa palavra.

Aqueles que desde sempre lutaram pela liberdade

Não tiveram medo dos grilhões, dos açoites,

Das mordaças e das emboscadas.

Agora seus herdeiros continuam avançando até o topo.”

Luana Santos de Oliveira

A quietude da biblioteca beirava uma paz clerical; ali, a bibliotecária Agneta era a papisa soberana absoluta. Passava pelas brancas mesas arredondadas, uma por uma, recolhendo livros, onde o código Dewey Cutter era a constituição que organizava aquele espaço. O silêncio ali imperava de forma absoluta, e qualquer distúrbio era, por si só, apaziguado pelos olhares ferinos da bibliotecária-mor do Instituto de Ensino Hermes.

E o que é o Instituto de Ensino Hermes? O Instituto nasceu da iniciativa de um grupo de professores em conversas informais e encontros familiares. A ideia era organizar aulas de reforço para alunos do ensino fundamental básico, alunos em comum do referido núcleo de profissionais. Em sua maioria, tanto professores quanto alunos eram moradores ou frequentadores do condomínio fechado Solaris IV. Margarida Buerger Gross — urbanista, paisagista e arquiteta — encampou o projeto educacional voluntário, reestruturou-o e expandiu-o: cursos de curta duração, seminários abertos ao público, escola para alunos superdotados e ensino médio. Eram núcleos autônomos de pesquisa e debates, de poucos e para poucos; também concediam bolsas de estudo e patrocinavam publicações. A pluralidade de pensamentos, ligada a uma tradição rígida, era o norte da instituição, gerando núcleos fechados que pouco interagiam entre si. Os núcleos de artes e música gozavam de liberdade e autonomia.

O núcleo heterônimo reunido ali, na biblioteca do Instituto Hermes, ia na contramão do que naturalmente acontecia fora das reuniões forçadas do convívio social e institucional. O conclave não agendado daquele pequeno grupo diverso não passou despercebido por Agneta, que acompanhava a uma distância segura. A bibliotecária consultou os cronogramas e conversou informalmente pelos corredores com os professores e orientadores dos referidos alunos. Não havia nada que justificasse aquele convescote de última hora.

— Então, meus amigos e amigas, esta é a pauta da nossa reunião! — disse Bruno Papadopoulos, que olhou para a porta da pequena sala de estudos e, a poucos metros, viu Camilla e Cassilda jogando xadrez; o conjunto de peças persas era movido de forma cautelosa pelas irmãs, estudantes de matemática. — Mas antes, temos que ficar a sós!

O estudante do ensino médio, com ênfase em letras modernas e clássicas, ergueu a mão e moveu-a da esquerda para a direita; a porta da sala fechou-se lentamente. A manobra do estudante de belas-letas não passou despercebida por Agneta nem pelas duas irmãs, que não se deram ao trabalho de olhar o ocorrido.

— Imprudente, meu bom amigo! — disse, em tom de preocupação, Lucius Dias, o proeminente

jogador de basquete e também estudante do Instituto Hermes.

— Pelo menos a nossa querida Bela Adormecida não caiu no sono desta vez! — ponderou com certo desdém a jovem convidada Martina Gomez, estudante superdotada, escritora e jornalista.

Bruno olhou para o relógio digital de pulso e verificou seus sinais vitais, que estavam normais, para o espanto do próprio.

— Vamos à pauta, da mais complexa para a mais simples, por favor — propôs Dionísio Rossi, músico do Instituto.

— Estou mesmo curiosa com a coisa toda! Por que estamos aqui, afinal? — perguntou Maitê Pezzini, universitária de moda que usava a biblioteca para pesquisas.

Os jovens se entreolharam e voltaram os olhares para Bruno Papadopoulos, que sorriu e tornou a olhar para o relógio.

— Então vamos do mais complexo para o mais simples! — disse Bruno com ênfase, prosseguindo friamente. — Primeiro, o que nos uniu unilateralmente e, depois, a ideia de editar a revista cultural e de variedades: Astro-domo é o nome provisório.

Um clima pesado tomou conta do ambiente.

— Então?! — perguntou Maitê, visivelmente nervosa.

— Todos os casos têm algo em comum. Eu vou logo explicando — Bruno olhou para Lucius e disse: — O pequeno grupo de senhores que anda levando meninos carentes para festas particulares em lugares ermos é ligado à minha família, aos negócios do meu pai, para ser mais específico. — Bruno olhou para Martina e depois para Maitê: — O professor assediador deste mesmo instituto é protegido pela minha família; é um pupilo do meu pai.

— Falta um! — interveio Dionísio, nervoso.

— O nosso bom amigo em comum de classe, é claro! Não esquecemos dele. Vem nos perseguindo de forma cruel há tempo. E digo: nada será feito!

A mesa tremeu e a cadeira de Bruno foi abruptamente arrastada para trás. O relógio digital disparou; o estudante sentiu um leve mal-estar. Bruno havia calculado as respostas dos colegas.

— Eu digo que vocês nada farão, mas sim estarão lá quando a coisa acontecer! Serão meus! Meus amigos e amigas, eu prometo! — disse Bruno, sem abrir sequer a boca. — Estaremos todos lá. Não adormeçam antes da noite chegar!

Os olhos acinzentados, a face animalesca e a voz gutural de Bruno foram recebidos com certa curiosidade. Algo acontecia ali, e todos perceberam. A cadeira do estudante voltou para o lugar.

— Agora podemos pautar a revista Astro-domo! — disse Bruno, de volta com os olhos negros, a face de bom menino e a voz mussolinosa.

Fragmento do livro: Sono Paradoxal, texto de Samuel da Costa, poeta, romancista e contista em Itajaí, Santa Catarina.

Renascer
Rosângela Mariano
São Leopoldo - RS

Das pedras
que feriram
fizemos escadas
e trampolins
para driblar as dores
e sorrir
ao relento...

Dos espinhos
que sangraram
fizemos laços
de bênçãos
a coroar as
horas de afago...

Das lágrimas
dos choros
dos lamentos
dos tormentos
dos ais...

Hoje,
são rosas,
perfumes,
sonetos,
melodias,
nostalgias,
nuances
de dias felizes...

Instagram:
marihanaescritora



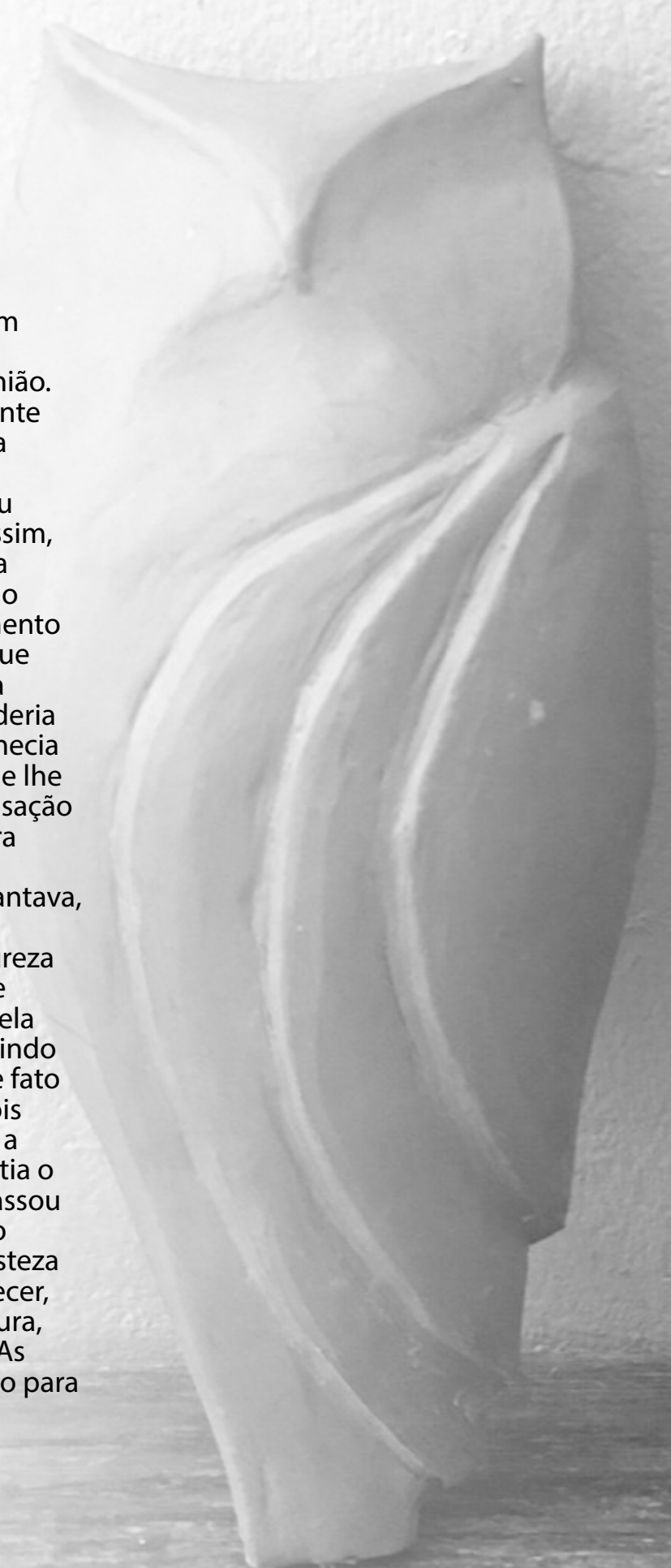
AS PALAVRAS DA CORUJA

Silvane Silveira Fernandes

Estela morava sozinha desde que seu amado partira sem explicação, a jovem mulher não entendia o porquê de seu companheiro ter deixado a casa e a união.

Apenas ficou o vazio e a solidão, durante meses a esperança do dia a dia era sua amiga coruja, que morava no telhado da casa de campo onde o casal decidiu morar depois do casamento. Ainda assim, Estela tinha esperança de que sua vida voltasse a ser como ela desejou e como vinha acontecendo até o desaparecimento do amado, uma esperança contínua que a movia até o outro dia; quando Estela conseguia parar de pensar no que poderia ter sido a causa do sumiço, ela permanecia firme, apenas restava uma intuição que lhe dizia, que aquela ausência, aquela sensação de afastamento não poderia durar para sempre e assim esperava paciente.

A coruja era enorme e sua beleza encantava, penas brancas com nuances de cinza, pura e incólume, a sensação era de pureza intocável, natureza primitiva, origem e destino, com seu olhar penetrante Estela não tinha certeza se a voz que ouvia vindo da fascinante ave era sua mente ou de fato aquela mensagem vinha da coruja, pois através de seus olhos muito era dito e a jovem em estado de introspecção sentia o que tinha de ser ouvido. A amizade passou a ser uma necessidade e a ausência do amado começou a desvanecer, sua tristeza como tempestade deixou de permanecer, as palavras da coruja eram bálsamo, cura, consolo, alívio e esperança espiritual. As palavras da coruja eram o porto seguro para alma aflita de Estela.



Silvane Silveira Fernandes

A Inquietude insone

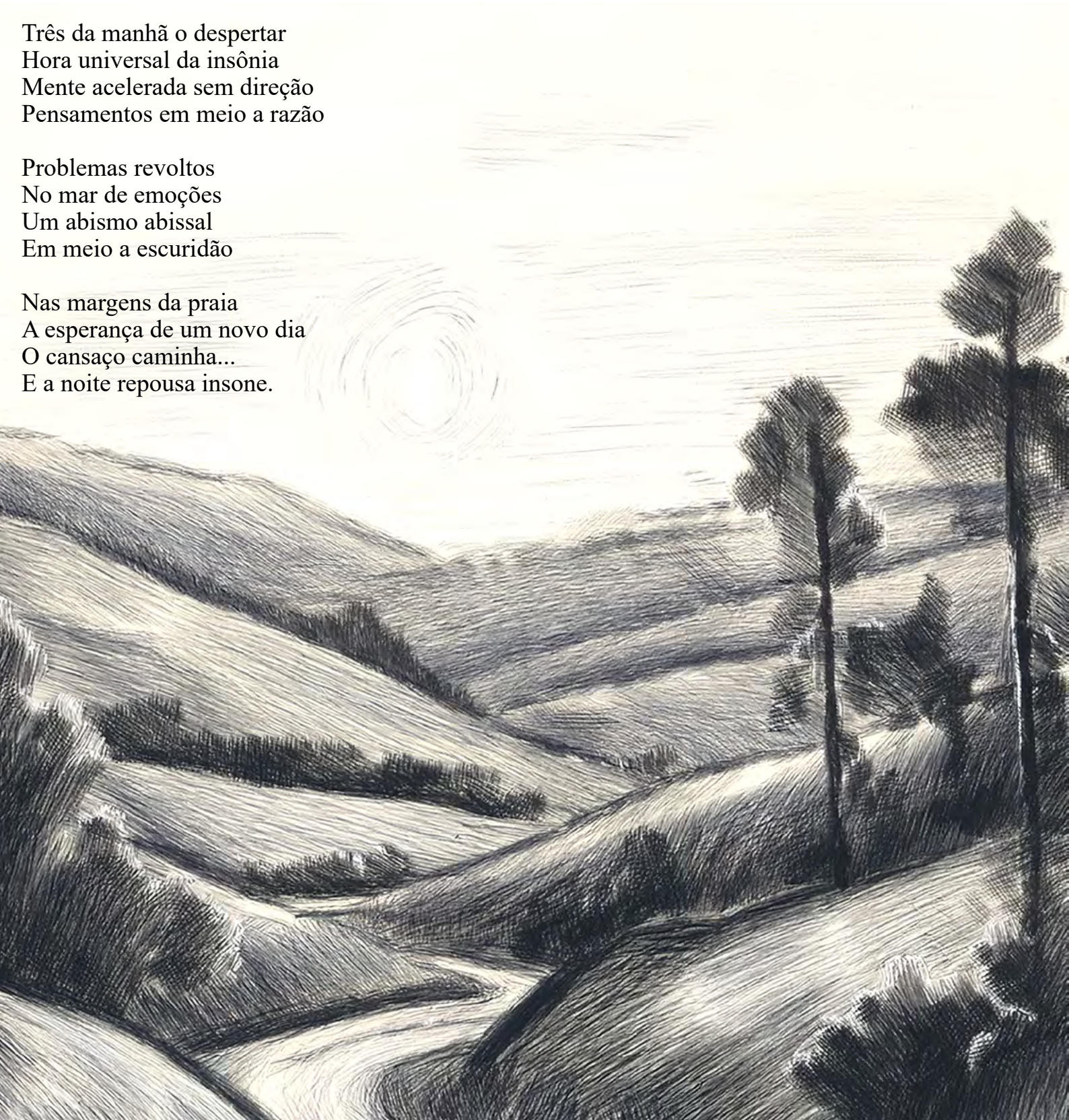
Pedras no caminho
Buraco sem fim
O dia dorme
Na noite insone

Sonhos e devaneios
Amanheceu em meu ser
O cansaço e a inquietude
Vazio em meu coração

Três da manhã o despertar
Hora universal da insônia
Mente acelerada sem direção
Pensamentos em meio a razão

Problemas revoltos
No mar de emoções
Um abismo abissal
Em meio a escuridão

Nas margens da praia
A esperança de um novo dia
O cansaço caminha...
E a noite repousa insone.



Uma ilha em mim

Silvane Silveira Fernandes

Que não sejamos próximos qual arquipélago
À espera de um encontro casual, e sim fogo,
Universo encantado que revela e envolve o amar

Ainda lembro toda a infância que tive e não mais
Lembro de subir em árvores e viver a magia presente
Ontem passou, o que se foi ainda vive em nostalgia

Quem dera pudéssemos correr sem parar, sem cansar,
Percorrer horizontes sem freios ou bloqueios a nos travar
Vivendo o dia a dia apenas vendo o tempo passar

Pinturas sob o nosso olhar, se pudéssemos ver o
Invisível, aquilo que não ficou registrado, talvez fosse
Outro o caminho a trilhar seguindo o amor sem parar

Quem dera o mundo fosse magia, onde o cansaço
Não existiria, e sim a energia que nos moveria fosse
De alegria, emoções e reflexões sem arrependimentos

Quem dera pudéssemos velejar no mar profundo, coletar
Conchas em ilhas e fazer um colar com nossos planos
Somos água, somos oceano, corrente marítima do existir

Que dera não fôssemos arquipélago em grupo de ilhas
Se espelhando ao longo do oceano, longe um do outro
Que sejamos frutos, centelha divina, brindando a fantasia

Somos o que éramos e ainda aprendendo sempre
Entre cores na busca da trilha em campos floridos
Direto da alma ouço recitar a estrela guia.

Sul

Cada estado brasileiro um universo,
Em cada verso de Norte a Sul
Uma imensidão azul.

No Paraná, das Cataratas aos campos,
O que se vê é encanto, povos unidos
Vindos de destinos infinitos, aqui acolhidos.

Nas matas, animais e aves
Cores no céu e na terra
Bondade divina que faz da terra um lar.

Harpia, onça pintada, lobo-guará
Gralha azul, papagaio, guará
Lambari, dourado, cará

Riquezas de toda gente
Campos floridos, praias e ilhas
Em cada canto uma luz que brilha.



Minibiografia

Silvane Silveira Fernandes, paranaense, advogada, escritora, pós-graduada pela Escola da Magistratura do Paraná (EMAP). Casada é mãe de uma menina de 13 e um menino de 7 anos. Publicou 5 livros, dois deles disponíveis na Amazon: Luminar - Amálgama Essência, Vinca Literária Editora – Rio de

Janeiro e Poética Letra – Poemas e Versos, Kotter Editorial, Curitiba/PR. Seus

poemas e contos foram publicados em mais de 40 antologias. A autora tem textos divulgados em revistas literárias no Brasil e no exterior, entre elas Ruído Manifesto, Autorretratos, Navalhista e The Bard. Foi premiada em 2º lugar no VI Concurso Literário Modalidade Poetrix – Prêmio Carla de Faria, Grupo Ciranda Poetrix e em 9º lugar no Prêmio Brunsmarck de Literatura 2025, Editora Brunsmarck.

@silvanesilfernandes

Natação adaptada



Na quietude azul que o mundo abraça.
Erguem-se corpos, que não conhecem rendição.
Cada braçada é um verso escrito.
Cada respiração, um triunfo do coração!

Há quem veja limites, eles vêem caminhos, traçados em ondas, que dançam sem medo.
O corpo adapta-se, o espírito vai sozinho, e encontra força onde outros vêem degredo!

No toque da água, tudo ganha sentido: o peso do dia, enfim se desfaz!
Ser atleta é, não ter o impossível por definido é fazer do próprio esforço o porto de paz.

E quando cruzam a meta, em luz mergulhada, não é só tempo que deixam marcado.
É prova de que , na vida ou na jornada, o maior poder é o de seguir determinado!

Campeões do agora, heróis em silêncio, na piscina, onde sonhos aprendem a voar, cada golpe de nado
é puro pertencimento : um hino ao que somos, e ao que podemos alcançar.

Olga Bessa
22/11/2025

ABRAÇO TEMPESTIVO

Abraça-me, enquanto a janela está aberta, a porta mal fechada e nada ainda se quebrou. Abraça-me, enquanto tenho esses olhos para te olhar, enquanto estamos pertos, enquanto ainda não posso voar. Abraça-me, enquanto protejo o que me dás, enquanto a minha alma flutua sobre a sua, enquanto essa esperança fugidia não me noucauteia, enquanto Deus me tem e o espírito ainda não me foi arrancado. Abraça-me, enquanto estamos na mesma calçada, enquanto tudo não se desfez, enquanto estou ancorado no seu coração, enquanto a calmaria antes da tempestade não cessou e o vento não me levou para longe de ti, enquanto cada toque teu está atado no meu corpo. Abraça-me, enquanto a escuridão não se fez rainha, enquanto a incerteza ainda não veio tão perdida como cego no meio de fogo cruzado e a terra gira em volta do sol. Abraça-me, enquanto estou perto, enquanto sou o teu caminho, enquanto há cumplicidade, enquanto te entrego a minha alma, enquanto sopra no deserto, enquanto faz silencio lá fora, enquanto estamos sentados no mesmo banco do jardim e toca àquela velha canção. Abraça-me, enquanto o amor não nos enlouqueceu mais e os fragmentos da razão não se dissiparam como as nuvens, enquanto ainda não estou só e abandonada, enquanto não me olhas com desdém e os restos de tudo existem. Abraça-me, enquanto o tempo para diante de nós, enquanto o tempo espera, enquanto tem um canto para se ficar, enquanto a terra é um lugar a salvo, enquanto o sol não queima os humanos qual grão de café no torrador.

Abraça-me, enquanto tento preencher esse vazio cavernoso na alma, enquanto não achei os pulmões de fumaça. Abraça-me, enquanto sinto o teu braço, enquanto os reflexos da lua pincelam o meu rosto, enquanto os dias são nossos, enquanto só sonhas andar comigo, enquanto não me arrancaste esse anel de robô que me deste ajoelhado sob o viaduto e o casamento ainda não nos fez inimigos. Abraça-me agora, enquanto a noite começa a brilhar, enquanto a chuva cai devagar, enquanto há silencio na rua, enquanto ouve-se o mar. Abraça-me, enquanto não me perdi, enquanto os ventos da vida não me esparramaram, enquanto a água toca o meu rosto, enquanto o escuro não voltou e o meu corpo ainda quente está. Abraça-me bem forte, enquanto me podes tocar, enquanto aqueço o meu corpo com o teu olhar chamejante, enquanto sentes as batidas do meu jovem e obstinado coração. Abraça-me bem, enquanto a desgraça não nos alcançou, enquanto tem companhia, enquanto a rua está deserta e a ponte ainda não foi partida. Abraça-me o mais forte que conseguir enquanto não me encontrei, enquanto ainda não parei na próxima estação, enquanto sinto o ar na cara, enquanto não me afoguei nas dúvidas, enquanto pode se sonhar, enquanto a esperança não acabou como a água no poço. Abraça-me, enquanto olho a lua e Deus tem os que mais ama, enquanto o destino não peita à vontade, enquanto olho para ti como o pôr do sol na roça, enquanto durmo no teu abraço e tudo cintila, enquanto sorrio para ti como uma rosa desabrochada. Abraça-me agora, enquanto o homem ainda não habitou Marte, enquanto me decido. Abraça-me com a força de Sansão, enquanto os meus olhos se fecham como anda à lesma. “Foi isso que ela disse, antes de partir”.

Fernando Manuel Bunga
Uíge, Angola

A APOSTA

DIAS CAMPOS

Já fazia um bom tempo que Roberto não ia dormir tão satisfeito. E três foram os motivos que contribuíram para essa sensação: Na manhã de sexta-feira, sua namorada adorou o convite para passarem o próximo feriado em um chalé na montanha; na hora do almoço, assinou um contrato de representação jurídica com uma multinacional para atuar em todo o território nacional; e à noite, ligou para os seus melhores amigos, um delegado de polícia e um promotor de justiça, a fim de lembrá-los da aposta que firmaram há um ano, e cujo prazo terminaria no dia seguinte. – “Ainda está para nascer quem me pregue uma peça”, jactanciava-se o advogado junto a seus contemporâneos de faculdade. Sendo assim, mesmo que o sábado amanhecesse chuvoso, ele só o enxergaria ensolarado.

Mas o sol raiou absoluto. E como não houvesse nuvens, o azul do céu tornou-se ainda mais límpido, o que só fez aumentar o seu bem-estar.

Depois de fazer a toalete, e de tomar um lauto café, Roberto resolveu caminhar pelo bairro.

Mas esse estado de espírito começaria a abalar-se assim que ele alcançou o terceiro quarteirão...

Deparou-se com um cadeirante idoso que, de rosto súplice e sem ânimo, aguardava que deitassem esmolas na baciazinha de plástico apoiada sobre as pernas.

Roberto condeou-se. E aproximou-se dele, e colocou uma nota de vinte Reais.

O deficiente ficou muito surpreso e agradeceu com um sorriso de extrema alegria.

Mais adiante, topou com uma mulher de meia idade que, sustentada por velhas muletas, pedia dinheiro aos motoristas que paravam no cruzamento.

Sem muito pensar, ele retirou outra nota – desta vez de dez Reais – e a ofereceu à pobre senhora, que agradeceu com um sorriso envergonhado e a guardou com ligeireza.

Depois de dois quarteirões, Roberto avistou um cego maltrapilho que também vivia da caridade alheia.

Preferindo moedas às notas, o bom cidadão pôs as esmolas dentro da caneca de metal que ele sacudia. E como fizessem barulho, o cego agradeceu com um leve sorriso e um

“Deus te dê em dobro”.

Com efeito, o bom ânimo do início do passeio diminuía vertiginosamente.

Mas Roberto não desistiu da caminhada, pois seguiria em direção à casa onde moravam sua namorada e os futuros sogros. De lá, os casais sairiam para almoçar em um restaurante.

O dia passava ligeiro, como acontece às horas felizes. Por isso, o enamorado até se esqueceu dos coitados que o entristeceram.

Mas como tudo o que é bom tem um fim, era preciso voltar para casa.

Pois bastou pisar na calçada para que a lembrança daquelas criaturas ressurgisse. E perguntou-se se ainda estariam no mesmo lugar, esmolando.

Roberto andava a passos lentos, pensativo.

Ao se aproximar do quarteirão onde vira o cego pela manhã, e um dos achismos confirmou-se. Lá estava ele, parado, apoiado na bengala, contrito de frio, e esperando quem

lhe desse moedas.

De repente, porém, notou que uma Kombi parava próxima ao pedinte.

O cego, então, virou o rosto para a direita... depois para a esquerda... E guardou os óculos escuros, e entrou na Kombi.

O fulano nunca fora cego. Era um vigarista!

Roberto ficou chocado. E teve vontade de correr até a Kombi e de falar umas verdades ao pilantra.

Mas mudou de ideia, pois não conseguia ver se dentro do veículo haveria alguém mais forte, ou armado.

Sua revolta, no entanto, só aumentaria. É que a Kombi ainda receberia mais dois passageiros...

A mulher de meia idade e o idoso chegaram em seguida. Este, empurrando a cadeira de rodas; e aquela, segurando as muletas, uma em cada mão.

Roberto estava boquiaberto!

E a Kombi acelerou, e sumiu noite adentro.

O enganado ficou alguns minutos estático, tentando ordenar os pensamentos, que revolteavam sem parar.

Depois de algum tempo, o frio e o medo de assaltos reconduziram-no à realidade. E ele seguiu apressado rumo ao lar.

Não que fosse alienado e ignorasse a existência dos mendigos de profissão. Ele mesmo já vira mais de um falando ao celular.

Mas as cenas que presenciou revelavam uma esperteza extrema, imprimindo um status empresarial à mendicância, com diversificação de tarefas, transporte de funcionários, rígida

carga horária e repartição dos lucros.

Por tudo isso, decidiu desmascarar aquela gangue.

Como era provável que os golpistas continuariam labutando no dia seguinte, Roberto iria filmá-los mendigando e no momento em que a Kombi os recolhesse. Depois, entregaria

pessoalmente a filmagem para os seus velhos camaradas, o delegado e o promotor, que, por

certo, adorariam colocá-los atrás das grades.

Mas como a filmagem só aconteceria no dia seguinte, à noite, achou melhor denunciar o golpe desde já. Assim, muitos outros não seriam prejudicados.

E postou o que descobriu nas redes sociais e nos grupos de WhatsApp de que fazia parte.

Em que pese ter dado início à justiça, o que o alegrava, Roberto foi dormir bastante irrequieto. Pudera! A raiva teimava, permeando as suas entranhas.

Mas como os retornos sobre as safadezas que denunciou começaram a pipocar no celular, esses feedbacks acabaram por reconfortá-lo, e isso o ajudou a dormir. No domingo, Roberto decidiu ouvir missa. Era como se buscasse uma confirmação celeste sobre a sua intenção de desmascarar aqueles embusteiros. Chegou bem na hora em que o padre iniciava a pregação – “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem.”

O recado, contudo, não conseguiu enraizar-se no coração do devoto. E ele abandonou a celebração antes da bênção final. Como o almoço seria macarronada no sobrado da nonna, e como não ficaria bem entrar na igreja carregando uma garrafa de vinho, Roberto teve que buscar em sua casa o tinto que separara.

Mas assim que apanhou a garrafa, a campainha soou estridente. Ao abrir a porta, quase teve um enfarte, pois reconheceu aqueles mesmos três farsantes que o enganaram no dia anterior. E foi o cadeirante quem primeiro falou, pedindo esmolas em nome de todos os santos e sendo seguido, em gestos e sorrisos, pela senhora de muletas e pelo cego. Roberto sentiu o sangue ferver. Depois de ter sido feito de trouxa, os salafrários ainda tiveram a pachorra de irem até a sua casa para pedir mais dinheiro! Era muita desfaçatez! Pois com o dedo em riste, ele descarregou um rosário de impropérios; e tão cabeludos, que até o cego levantou as sobrancelhas e afastou os óculos.

Prosseguiu dizendo que já avisara uma infinidade de pessoas sobre a fraude que praticavam, bem como o lugar onde estavam atuando, e que se não sumissem para sempre, por certo a polícia e o Ministério Público saberiam encontrá-los e os jogariam na cadeia. Terminado o desafoço, e um silêncio se impôs...

Súbito, os espertalhões caíram na risada. De olhos arregalados, ele não acreditava no que presenciava. Os safados, ou eram completamente loucos, ou, os sujeitos mais abusados do planeta! Fosse como fosse, a afronta ultrapassara todos os limites possíveis, e ele já admitia enxotá-los dali sem se preocupar com futuros processos.

Antes, porém, que partisse para essa opção, Roberto percebia gargalhadas que se superpunham àquelas risadas...

De repente, os seus ex-colegas de classe, o delegado e o promotor de justiça, surgiram radiantes por detrás dos malandros. Ambos queriam falar, mas não conseguiam parar de gargalhar.

Desta vez, os olhos do pobre rapaz esbugalharam-se! Como ficasse sem reação, as autoridades adiantaram-se e o encararam sorridentes e triunfantes.

E a lembrança da aposta despontou...

Ele ainda tentou esquivar-se, argumentando que só soubera da enganação no dia seguinte ao fato, o que o eximiria de qualquer responsabilidade. Mas, por dois votos a um, a sua tese foi prontamente rechaçada. Pois diante de tamanha criatividade, o derrotado não teve alternativa senão a de pagar o que apostaram aos vencedores – um serviço completo de rodízio, em uma famosa churrascaria –, repasto este de que também fizeram parte os três atores que seus amigos tinham contratado.

Liberdade
Quando miro o céu,
e suas as nuvens brancas e falidas
que compõe o azul de seu véu.
Quando miro o céu,

Minhas lembranças caminham à eternidade,

Sinto-me como réu
A ganhar a liberdade.

Fábio Aiolfi



A dramatic landscape photograph showing a river or stream flowing through a dense forest. The sun is high in the sky, creating a strong lens flare and illuminating the scene. The water is a deep blue-green color, and the surrounding trees are lush green. The overall mood is serene and natural.

Venta, Vento Sul

Brisa do mar,
maresia.
Sopra Vento Sul
na costa da baía.
Carrega fragrância
de que se sente.
do sal que penetra,
a pele da gente.
Dançam os cabelos...
Dançam as roupas...
Folhas e galhos
das árvores.
O rio harmoniza,
a correnteza das marés.
Carrega sementes,
penas e aguapés.
Venta, Vento Sul
Não pare de ventar...
Ainda preciso...
Ah, mar...

Fábio Aiolfi

Onde a Felicidade foi morar?

Onde a Felicidade foi morar?
Procuro pelas paisagens abstratas,
o lugar onde foi parar.
A Felicidade não está perdida!
Está na cachoeira, na beira do mar.
Encontro na Natureza,
uma melodia a soar.
Nas folhas secas que caem ao chão.
No tempo que não para de passar.

Onde a Felicidade foi morar?
Foi na Natureza!
Foi lá!
Foi lá que a Felicidade
foi morar!

Fábio Aiolfi



Fábio Aiolfi é brasileiro e trabalha como ator, escritor e contador de histórias. Publicou 12 livros, entre romance, teatro e poesia – que corresponde boa parcela de suas obras. No teatro, atuou em mais de 20 espetáculos, apresentando em algumas capitais brasileiras. Atualmente, se dedica ao seu canal Andarilho Capixaba, no Youtube.

Instagram: www.instagram.com/fabioaiolfi

Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCZhTBB3AvHnLJJvHFKdj0zg>

Num piscar
De olhos
E...
Quebra-se
A barreira da luz

No barulho
Ao cair um de um único copo
E...
Quebra-se
A barreira do som

Uma palavra
Só uma
Poucas letras
E Quebra-se a barreira
Do sentimento

Em um simples toque
Minha pele arrepia e...
Volto a me sentir vivo

Com um único beijo
E, meu coração não é o mesmo
E com o parar do mesmo
É a vida que se encerra

Me sentia até a pouco Só
Mas, agora,
Há uma música na vitrola

Estava me sentindo solitário
Mas, o cantar do sabiá
Me deseja boa sorte

E a cigarra
Com o seu canto delirante, deixa suas exúvias e, anuncia por um novo tempo

Por um tempo
Tudo oco
Por segundos
Tempo eco
Nas paredes
Desenhos
De tempos

E o passado,
Até quê eu sonhe de novo
Continua
Por um segundo
E de horas
Que agora acordado
Demora por esperar o eterno futuro
De lembranças
Jaz esquecidas.

Poesias Wilson lirio
Nome: ATÉ QUE SE QUEBRE.
09-01-2026

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Pensamento Livre



PRÓXIMA EDIÇÃO

#39

dartelondrina@gmail.com
insta @dartelondrina

